This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

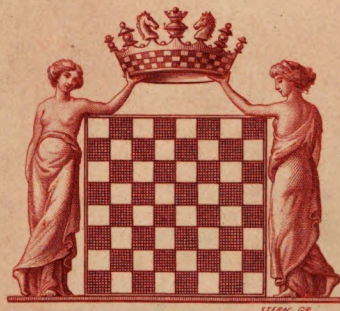
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HN 2GAD

KD 37062



A. RAMEL

N° 754

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Theophil Braga

Est d'Aug. Rouil R. A. de Lac.

Digitized by Google

VISÃO DOS TEMPOS

Digitized by Google

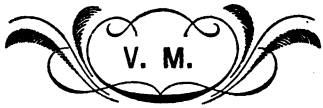
Digitized by Google

VISÃO DOS TEMPOS

POR

THEOPHILO BRAGA

ANTIGUIDADE HOMERICA
HARPA DE ISRAEL — ROSA MYSTICA



PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ—EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO
A mesma em Coimbra, rua da Calçada.
Casa de Commissões em Paris, 2bis, rua d'Arcole.
1864.

Digitized by Google

KD 37062

PORTO: 1864.—Typographia Commercial,

rua de Bellomonte n.° 19.

Digitized by Google

AO SENHOR

JOSÉ GOMES MONTEIRO

Quando tracei este pequenino poema da BACCHANTE, *não pensava encontrar realisado o ideal da velhice dos tempos homericos na sociedade d'hoje.*

Então, conhecia-o sómente pela importancia de seus trabalhos litterarios; hoje que o admiro de perto, distinguindo-me com a sua amizade, pressinto-lhe essa harmonia do caracter de Euryalo, o venerando antiste. Como o sacerdote de Delos, herdeiro das tradicções sagradas da hospitalidade antiga, recebe o forasteiro, o filho de Mileto, e vae com elle dedicar ao Deus a lyra que o naufrago votára no horror da procella, V. S.ª

Digitized by Google

salva-me da obscuridade e depõe este livro no altar d'uma primeira esperança.

Os poetas heroicos pagavam a hospitalidade com a immortalidade de seus cantos. Dante abraçando reconhecido o doutor Sigier sentio não poder dispor da gloria, mas o sabio da rua de Fuare quiz só um verso, um verso apenas.

Na pequenez de meu nada, associando o nome de V. S.ª a esta obra, filha do seu carinho, vejo-a pelo menos alcançar o valor do obulo da viuva, na parabola de Christo.

THEOPHILO BRAGA.

Porto 18 de Setembro de 1863.

Digitized by Google

GENERALISAÇÃO DA HISTORIA DA POESIA

Idéia do livro

É NA infancia da humanidade que se encontram, confundidos em um só, os sentimentos do *verdadeiro*, do *bello* e do *justo*. A religião, a poesia e o direito apparecem n'um mesmo acto do espirito: o sacerdote é legislador e poeta, o dogma e a lei manifestam-se na fórma mysteriosa do *carmen*. Assim se alevantam Orpheu e Moysés na penumbra da edade divina, assim a Egreja nas ruinas do velho mundo. Os bispos, no cahos da desmembração social, são os primeiros magistrados municipaes [1]; elles cantam o Verbo novo em

1. Cod. Just. l. I, tit. IV. De episcopali audiencia, § 26, § 30. Ibid. l. I. tit. LV. De defensoribus § 8.

Digitized by Google

hymnos de lyrismo puro, como santo Ambrosio e Gregorio Magno e Damaso. [2]

Quando o finito se desprendeu do infinito para contemplal-o fóra de si, ou na edade humana, estes sentimentos separam-se pela complexidade: a religião foi o naturalismo e o antropomorphismo; o direito foi todo augural e symbolico; a poesia, filha da inspiração hymnica, deixou-se attrahir, levar pela imagem. Os videntes da historia estudam a humanidade nos sentimentos do verdadeiro e do justo; determinar as evoluções mais caracteristicas da poesia para estudal-a tambem pela sua face ideal, eis o pensamento da *Visão dos Tempos*.

A voluptuosidade na poesia antiga é a verdade; é o retrato da natureza virgem a mostrar-se núa em sua candura. A arte, por assim dizer, creança, balbuciando apenas, não sabia abstrahir. Canta o que vê e admira, o palpavel, o real. A lyra attica exalta a fórma graciosa que enleva os sentidos, o corpo ostentando todos os contornos em sua nitidez, a curva, a linha da perfeição, a realçar com vida, a mostrar-se á luz como a flor entreaberta para receber o orvalho no verticello mais pudico. Na Grecia a belleza do corpo é o ca-

2. Este ponto acha-se desenvolvido na minha Historia da Poesia do Christianismo, corroborado pelo principio da *Sciencia Nova* de Vico.

Digitized by Google

racter principal do heroe [3]; as vestes cahem do humero eburneo, como uma catadupa de linho alvissimo de Iónia, fluctuando em ondas até ao chão, sem esconderem as fórmas varonis, o relevo muscular, os seios de neve. As mães gregas descobriram a callipedia, o segredo para darem á luz os filhos mais bellos e gentis. Os poetas nasciam pelas margens dos rios, ao murmurio saudoso da lympha a confidenciar com as ramas do salgueiro. Homero nasce ao estrepito ruidoso das festas junto ao rio Melés. Sparta, a severa, proscrevia os filhos feios á nascença. A mulher dá origem á plastica, anima a estatuaria. O marmore de Paros começa a palpitar com vida debaixo do escôpro; faltava roubar o fogo celeste para animar a creação do artista. A Galathea acorda ao beijo mais voluptuoso de Pygmalião. A sensualidade caracterisa a poesia grega; o ideal é o visivel, EIDOS. [4]

Quando a humanidade se elevava na sua marcha ascendente e indifinivel para Deus, partindo desde o naturalismo até ao sorriso extremo e esperançoso de Socrates; a Judea, esse recanto exiguo da Azia, conservava a ideia da divindade na sua individualidade abstracta, na unidade absoluta de Jehovah. Em quanto na Grecia o poeta idealisa as fórmas até realisar a

3. Tyrt. frag. ult. sub fin.
4. Michelet. Orig. Intr.

Digitized by Google

estatua, o alahude hebreu, transportado na inspiração augusta, faz descer sobre a fronte do homem o resplendor da graça divina. O ideal do homem é a palavra sublime de Jehovah, quando nos dias da creação para formal-o á sua imagem disse *faciamus.* [5] A poesia hebraica é o esforço insuperavel do espirito para limitar e determinar na fórma o absoluto, remoto e incoercivel; esforço representado n'aquella lucta desigual e escura de Israel com o Anjo do Senhor. Determinou-o pelo symbolo, como todas as poesias do Oriente. No seu terror e sublimidade prophetica a poesia hebraica canta o invisivel. [6]

O Christianismo realisou a syntheze d'estas duas poesias; como uma continuação da poesia biblica por ella determinou o ideal messianico. Fez o Verbo carne. Na Igreja o psalmo harmonisa-se, completa-se com o lyrismo dos sentimentos que a religião nova despertára n'alma. [7] A ideia atterradora de que o homem na terra não póde attingir o bem supremo, a perfeição a que foi destinado, pela actividade só de suas faculdades, originou o mysticismo. O seu apparecimento começou na epoca da maior desmoralisação social, n'uma decadencia corroida por todos os vicios execrandos, todas as violencias e attentados contra a di-

5. Sobre esta voz Bossuet faz profundas considerações.
6. Michelet. Orig Intr. Lawth, etc.
7. S. Paulo Eph. 5, 19, Caloss. 3, 16.

Digitized by Google

gnidade do homem. A acção do christianismo devia ser energica. O espirito, abysmado no pélago da prevericação, desconhece-se, imagina em si o principio do mal, julga a carne sua inimiga, combate-a, lucta com as sensações, com o mundo, com a ideia, até abnegar da intelligencia; despresa a personalidade, abandona a vontade, a existencia, tudo, e refugia-se no céo. Este despreso fez brotar n'alma o sentimento que a levava até Deus. Unida ao corpo, do mesmo modo que o parricida na legislação do mundo romano era envolvido n'um sacco com uma serpente e arrojado ao mar, assim a pobre alma julgava-se atirada ao golfão da vida.

No mystico a passividade é o ideal da perfeição. Tanto no livro da *Sabedoria*, como na *Imitação*, a sciencia é reputada inutil, van como o orgulho do homem. A intelligencia desenvolvida pelo modo passivo da impressão é tambem abandonada pela rigidez austera das ascetas, na maceração e nos flagicios que se infligiam.

A alma voava para Deus núa de todo o sentimento. Levava um unico thezouro—o amor, porque elle era a abnegação da individualidade propria, que se ia encontrar em outro. A manifestação do amor na poesia antiga não é tão profunda como a que o christianismo fez á arte moderna. [8] Era n'este aban-

8. Hegel, Esthet.

Digitized by Google

dono de si que a alma sentia o infinito do amor, a plenitude do seu sêr. Por isso é que o christianismo revestiu a sepultura com todas as suas galas risonhas, e a ornou de flores, como uma *Theoria* sagrada das religiões antigas, e lhe entôou seus hymnos:

Nos tecta favebimus ossa,
Titulumque et frigida saxa,
Violis et fronde frequente
Liquido spargemus odore. [9]

Era ella a sepultura que enviava os anjos para o céo. [10] Esta transhumanação, a carne a fazer-se Verbo, este como abraço do finito e do infinito pela mystica unitiva, o Homem-Deus, eis o caracter da poesia do christianismo. Ella canta a união do visivel com o invisivel, da imagem com o sentimento, da fórma com o ideal. [11]

Na *Visão dos Tempos* procura-se realisar esta tricotomia mais caracteristica da poesia da humanidade:

1.º A poesia grega ou a fórma, o objectivo, o visivel. Tentamol-o na *Bacchante*.

9. Prudenc. Hymn.
10. V. Hugo.
11. Lamennais: Esquisse d'une Philosoph. t. III, p. 130.

Digitized by Google

2.º Poesia hebraica ou a adoração do absoluto, o invisivel. Eis a *Harpa de Israel.*

3.º A poesia do christianismo ou a transsubstanciação, a passagem do visivel para o invisivel, do real para o ideal subjectivo—a *Rosa Mystica.*

I.—A poesia estuda-se como todos os factos do espirito. E' na religião que ella se sente, na natureza que ella se lê, é pelo sentimento que se traduz. O systhema religioso de Homero é o antropomorphismo. Esta creação das divindades com a fórma, com as paixões do homem, é a passagem do naturalismo, ou a apotheose das forças physicas da natureza, para a religião da metaphysica. E que altar mais risonho do que a Grecia, paiz onde a harmonia se reflectia em tudo, em cujo seio parece haver cahido uma gota do leite de Amalthea, do leite que alimentava os Deuses.

A contemplação da natureza tinha a fórma de culto na infancia dos povos; cada elemento seu nume, o mar nereydes e tritões, a arvore uma dryade, a floresta satyros e faunos, e os rios, que ouviam os vagidos dos poetas, como o Achelous, o Caystro, o Ilysso, tinham a nayade timida que apparecia e se mirava no crystal á hora mais voluptuosa da sésta, espreitando os seios do que dormia descuidado na relva do prado, ao murmurio do canavial flexivel. *Summa flavum caput extulit unda.* A Grecia era como uma deusa a banhar-se na onda egêa, cercada pelas cycla-

Digitized by Google

das como um côro de nymphas engraçadas. O braço do oceano sobre que ella se reclina devia attrahil-a, arrebatal-a como o touro de Europa. O rapto da filha de Cadmo, a aventura maritima de Jason são o symbolo d'essa seducção. O bello mostrava-se-lhe na fórma, por toda a parte a belleza tinha altares. Por isso Phryne foi absolvida pelos seus juizes. Em Sparta, em Lesbos, em muitas cidades da Grecia haviam concursos em que as mulheres disputavam o premio da belleza; em Élida Cypselus estabelece tambem premios para a belleza varonil. Para certos mysterios religiosos era ella indispensavel, era uma condição essencial para a felicidade, como julgava Simonides.

A mulher é como a filha dilecta da natureza: ambas dão oraculos, uma nas palavras soltas de seu delyrio, a outra no murmurio das folhas do loureiro ao perpassar a viração do estio, [12] no remurmurejar soturno das robles seculares da floresta do Dódona. Os sacerdotes traduzem as respostas em disticos, e d'essa poesia formam os livros sybilinos.

O terror dos oraculos, o fado inevitavel, a herança do crime n'uma raça, o mysterio da iniciação, a hospitalidade heroica, eis a manifestação mais pura

12. Calimach. hymn. in Del. Serv. ad Virg. Aeneid IV. 143.

Digitized by Google

da poesia grega. Assim pela Arte era a verdade e a divindade revelada ao povo. [13]

O estrangeiro era mais do que um amigo, muitas vezes um deus occulto em fórma humana, que vinha observar os costumes e maldades dos mortaes, [14] que trazia a felicidade ao tecto que lhe dava agasalho. A hospitalidade começa na edade heroica, no cyclo dos semideuses depois de derrubados Procusto, Sciron, Caco; a edade heroica é a aventura, a expedição, o movimento. O desejo de tudo saber e explicar apossara-se da alma. A curiosidade de conhecer os costumes de longes terras abre um asylo ao peregrino para ouvirem-no. Primeiro o sentavam no logar mais distincto, á meza, antes que lhe perguntassem a patria, o nome, o que o trazia. E' assim que Mentor recebe Telemaco, [15] assim Telemaco recebe Minerva, quando sob apparencia humana entra os umbraes do palacio, [16] assim Nestor recebe o filho de Penelope [17] e Eumeu o vagabundo Ulysses. [18] Não se interrogava o hospede por dez dias, nem para que vinha, nem

13. Hegel, Esth. t. I.
14. Ovid. Met. v. 213: Et Deus humana lustro sub imagine terras.
15. Odyss. IV. v. 60.
16. Idem I. v. 170.
17. Idem III. v. 69.
18. Idem XIV. v. 45.

Digitized by Google

que estranho caso o trazia. [19] Menelau assim recebe Paris, Bellorophonte não mostra por dez dias o symbolo que Prœtus enviára a Lycias.

Homero é o cantor da hospitalidade; a Odyssea é o poema da sua velhice. Cansado de tantos errores, cégo, indefeso, o que não diria o aédo divino de Smyrna ao que o abrigava em seu lar? Pagava o agasalho à troco da immortalidade de seus cantos. [20] A Mentor que o recebe na ilha de Itaca dá-lhe um caracter sublime, a prudencia, a sabedoria; fal-o um nume. Discipulo de Phemius associa o nome do mestre á immortalidade da sua obra. Na Iliada prova o seu reconhecimento a Tychius; a Mentes fal-o rei da ilha de Taphos. Eram tambem tremendos os castigos para quem quebrava as leis sagradas da hospitalidade. Minerva, Venus, Apollo, Castor e Polux e Zeus eram os vingadores da sua integridade. Ulysses falla d'essa vingança terrivel dos deuses a Poliphemo [21] e a Eumeu, [22] que é a personificação do pastor Glauco que recolhera o poeta em seu lar, quando cego e miseravel o abandonaram sobre as ribas da pampinosa Chio.

19. Eustath in Iliad. VI, v. 174, p. 491.

20. Este pensamento não me exclue da communhão da ideia do caracter mythico de Homero.

21. Odyss. IX. v 269.

22. Idem XIV. v. 55.

Digitized by Google

São terriveis as palavras de Ulysses a Antinoüs [23] que não sabe respeitar a hospitalidade; pelo mesmo crime Lycaon é transformado em lobo. [24]

Aonde se estuda a poesia grega na sua evolução mais completa, é nas *edades heroicas*. A edade divina ou de *ouro*, com toda a sua simplicidade patriarchal e idylica, com a ingenuidade da infancia da religião, dos costumes, da sociedade, com todos os terrores da contemplação dos phenomenos estupendos da natureza, sob a pressão do *inevitabile fatum*, não offerece á poesia mais do que um quadro sem variedade, um fundo monotono. Pelo contrario a *edade heroica*, tempos d'uma lucta incessante do homem como mundo physico, cyclo de semideuses, quadra de transformações, abertura do genesis do progresso, ostenta á imaginação combates de sentimentos novos, um desejo de saber e penetrar, uma aspiração contínua. As *edades heroicas*, como diz Hegel, não são caracterisadas por este quietismo de alegrias intellectuaes e pobresa de interesses, como no mundo do idylio; o homem é creador; fins mais altos, paixões irrepressiveis são o movel da sua actividade, manifestada tambem sobre

23. Idem XVII. v. 489.

24. Ovid. Met. lib. I. est. XIII. Sobre este ponto consultar o trabalho profundo de Potherius, Archeol. Grec.

Digitized by Google

os objectos que o tocam e que elle transforma e apropria para a satisfação de suas necessidades.

A mais elevada expressão da arte antiga era o pathetico. Nos poetas gregos a descripção d'um naufragio, a revelação tremenda do oraculo, a fatalidade que persegue Œdipo, a herança do crime, como na familia de Agamemnon, onde Iphigenia em Taurida expia as desgraças de sua casa, descobrem-nos todos os cambiantes do sentimento. Quando o idylio fluctua na lyra attica, baixam á terra os deuses a segredarem seus amores, a hospitalidade é um culto, o lar o templo da concordia, Nestor vem remoçar-se ao sol da tarde no umbral de sua choça. O poemeto de André Chénier *L'Aveugle* está perfumado d'este genio antigo. Como uma abelha que volita pelas flores da campina, tirando-lhes dos nectarios com que formar seu panal delicioso, Chénier recolhe a graça de seus idylios nos delirios de Sapho, nas contemplações de Platão, sonhadas ao murmurio amoroso e plangente do mar de Myrto, na melancholia de Virgilio. E' a chrysalida deixando vêr o mysterio de seu labor, como no epitaphio de Clytia, quando o poeta recommenda á sua lyra *quelque chose de tendre et d'antique.* O poeta byzantino para restaurar a arte grega, deturpada pela aridez das academias dos seculos XVII e XVIII, foi pagão toda a sua vida; o pantheismo levou-o a ideialisar a fórma. Assim comprehendeu a face mais cara-

Digitized by Google

cteristica da poesia grega, como Victor Hugo na creação gigante do *Satyro*.

II.—O ideal da divindade faz-nos sentir toda a poesia hebraica. A gloria de Jehovah, a sabedoria eterna, a perfeição infinita, increada, a potencia que fala e tudo se faz, manda e tudo se cria, [25] que está no céo, no inferno, nos mares; eis o que torna poesia o culto do invisivel. Os poetas hebreus, retratando a divindade na sua unidade abstracta, na sua altivez genetica, deviam luctar com a difficuldade de determinar na fórma o absoluto. A poesia do christianismo, realisou esta passagem, pelo sentimento; elles porém tiveram a força da infancia, a força do symbolo para fazer comprehender o infinito pelo finito, o tempo pela progressão das gerações; é assim em toda a poesia do Oriente, assim na poesia do primeiro cyclo da humanidade. O symbolo foi a primeira manifestação da intelligencia do homem; é uma antithese mysteriosa, que só o homem como symbolo em si póde realisar. A união da alma com o corpo despertou esta ideia, instinctiva, fatalmente. O Oriente é o berço do symbolismo tanto em religião como em poesia.

Na Judéa a poesia é o livro da religião, e como ella é tambem sublime. A religião extrema-a de todas as outras raças; por isso a Judéa amaldiçôa os povos

25. David, Psalm.

*

Digitized by Google

que a cercam. Como o paiz é coberto de montanhas, cortado de grandes rios, as florestas vestidas de uma vegetação triste, como a oliveira, os sycomoros, os cedros, as palmeiras; assim a poesia é como o ecco lugubre d'esta natureza austera, é a voz de maldição, o grito dos prophetas do deserto. Quando ella é elegiaca é a dôr do cativeiro que a inspira, a magoa de vêr a Arca santa tocada por mãos profanas, e as corôas de lirios das virgens de Israel emmurchecidas. Os prophetas sáem do deserto como a sombra de Elias, terriveis do medo que infundem, a annunciar a ruina e a desolação na face dos reis. Elles mesmos se amaldiçôam a si: os filhos de Israel estarão longos dias sem rei e sem principe, sem sacrificio e sem altar. [26] Nas sombras d'esta poesia horrivel e austera, no odio ás raças estranhas que contaminam de seus vicios o povo escolhido, no presagio aziago de ruinas futuras, na contemplação da unidade absoluta de Jehovah caracterisada no audacioso *fiat*, ha uma suavidade dada pela esperança; é o ideal messianico, o ancear continuo pela vinda do justo que deve baixar do céo como um orvalho, brotar da terra como uma semente, do que ha-de trazer a justiça.

Na poesia hebraica ha o luxo de imagens como em toda a poesia do Oriente; mas só apparecem

26. Oseas.

Digitized by Google

onde a palavra e o pensameto não podem seguir a abstracção. A Judea, apesar da tristesa do seu aspecto, apresenta paisagens risonhas; ellas não despertam a sensação puramente agradavel; a cada sitio mais querido estava associada uma legenda celeste. O Jordão é celebrado pela passagem dos israelitas guiados por Josué, pelos milagres dos Prophetas, pelos prodigios de Jehovah. A paisagem faz meditar e absorver a alma na contemplação. Tudo é pequeno ante a grandesa de Deus, os reinos da terra são um atomo de areia, o universo é uma tenda do deserto plantada agora, logo alevantada.

Jeremias é destinado do ventre materno para ser propheta, [27] abandona os gosos da vida, [28] ora continuamente,[29] e quando ergue a voz aterradora é sempre o presagio ominoso d'uma necropole immensa. Daniel apparece revelando a Balthazar o juizo tremendo de Jehovah. Nem d'outro modo podia ser a poesia d'um povo sahido tantas vezes do cativeiro e errando atravez do deserto. Mesmo na Pastoral de Sulem, elemento humano da poesia hebraica, a inspiração lasciva é o meio de chegar a uma verdade que caracterisa toda a poesia oriental, o enlace mysterioso

27. Jerem. 1, 5.
28. Idem, 15, 17, 18.
29. Idem, 7, 16. 11, 14. 14, 11.

Digitized by Google

da morte e da voluptuosidade, sentida n'aquellas palavras vehementes—o teu amor é violento como a morte. [30] A poesia hebraica é aquella imagem da esposa dos cantares, é a pomba escondida na rocha escarpada. Estudada sob o ponto de vista humano, conforme a direcção critica de Herder, ella apresenta tres edades distinctas, a genesiaca ou patriarchal, a edade prophetica, e a edade apocalyptica.

A hospitalidade biblica tem uma analogia profunda com a hospitalidade homerica. Na Grecia o forasteiro é recebido como um enviado dos deuses, como um deus occulto em forma humana. O mesmo pensamento predomina entre os hebreus. "Permaneça entre vós a caridade fraternal. E não vos esqueçaes da hospitalidade, porque por esta alguns, sem o saber, hospedaram anjos." [31] Assim Abrahão recebe os anjos que vem annunciar-lhe a perpetuidade de sua descendencia; Lot os que vem annunciar-lhe a ruina imminente de Sodoma; Tobias o que vem dirigir o filho na peregrinação. A infracção das leis da hospitalidade não era punida menos severamente. Job, poeta do deserto, na sua epopea da agonia, abysmado na dôr do abandono, indagando os delictos que houvera commettido para ser despenhado em tanta

30. Cant. dos Cant. c. VIII, 6. Vid. Renan e Michelet, Orig.
31. S. Paulo.

Digitized by Google

ruina, clama: "O peregrino não ficou fóra, a minha porta esteve aberta para o viandante." [32] Isaias remontando-se nas azas da inspiração divina, contemplando do alto o futuro, que se rasga ante seus olhos, attonitos com a visão dos seculos que haviam de surgir do oceano dos tempos para envolver em sua onda o imperio sobre que vaticinava; diz tambem: "Parte o teu pão com o que tem fome, e introduz em tua casa os pobres e os peregrinos." [33]

Que agonia tambem a da mulher esteril, amaldiçoada por todos, como a figueira infructifera. Nas religiões antigas é a mulher que descobre o principio do mal; é Pandora que traz a urna cheia de desgraças, Eva que come o vedado pômo. O ideal da mulher na poesia hebraica é uma antithese; na quéda ella é a esperança da rehabilitação, é a Mulher forte que ha-de levantar-se radiante com a lua a seus pés, vestida de sol, coroada de estrellas, para esmagar a cabeça da serpente. O Vidente de Pathmos viu-a assim no grande dia da humanidade. A mulher trouxera em seu seio o libertador gerado na aspiração ardente de liberdade. O Nardo da Magdalena foi acceito pelo Senhor, a agua do poço da Samaritana sua-

32. Cap. XXXI, 32.
33. Cap. LVIII, 7.

Digitized by Google

visou as fadigas do homem, cansado de proferir o verbo da fraternidade. O annel de ferro que a esposa recebia nas nupcias do mundo antigo, o christianismo trocou-o pela grinalda de flores de larangeira com que a enfeita diante do altar. O ideal messianico na sua realisação é a poesia do christianismo.

III. — O christianismo veio acordar na alma sentimentos novos, que nenhuma religião antiga influira. Pertencem-lhe a idéa da immortalidade na sua maior generalisação, o amor universal *caritas*, a resignação e sobre tudo a esperança. Fortalecida por estas virtudes, a alma sentia-se elevada a uma região superior, necessitava exprimir o seu jubilo; essa linguagem foi a poesia mystica. Ella é a expressão do goso ineffavel, em que a alma se enebria na comtemplação beatifica; é a reminiscencia longiqua d'essas musicas interiores, que se fazem sentir na concentração violenta do extasi. Muitos hymnos da igreja foram compostos assim.

A egreja militante repetia o ecco derradeiro dos cantos dos martyres, que as gargalhadas obscenas e estupidas d'uma plebe desenfreada não podiam abafar nas canibaes do Circo; essas vozes traduziam-se em hymnos de triumpho, que resoavam, nas horas sagradas do agape, no fundo escuro e lobrego das catacumbas. As virgens sentiam-se possuidas pelo amor do

Digitized by Google

céo, e cantavam esperando a volta para o Esposo, com mais vehemencia do que a Sulamite do epithalamio biblico. O coração entrevira pelo amor os mysterios sublimes que os Padres e os Doutores da egreja não tinham ainda encendrado nas controversias philosophicas.

A poesia da egreja militante tem a energia, o caracter da poesia d'um cyclo heroico; as suas notas são como as rhapsodias divinas d'um periodo genesiaco; as strophes são o grito dos athletas, cahindo em terra, mas saudando a aurora do dia novo. Era a verdade do *morituri te salutant.*

S. Paulo fala dos hymnos christãos cantados com os psalmos, e canticos da velha alliança. O hymno, a fórma mais pura do lyrismo subjectivo, o sentimento em sua plenitude, é a poesia da infancia da humanidade, da sua edade divina. A apparição do christianismo sobre as ruinas do antigo mundo, marca uma segunda infancia. A inspiração hymnica expande-se em todas as almas. S. Bazilio fala d'um hymno que Antenogenes martyr compoz antes do seu transito. S. Diniz fala tambem dos hymnos de Nepos. Clemente d'Alexandria canta assim em louvor de Christo; ella irradia da egreja syriaca, da imaginação exaltada e febril do Oriente. É de lá que o *Te Deum* eccôa na egreja do occidente, onde S. Ambrosio lhe deu a fórma com que o admiramos, a fórma rythmica do psal-

Digitized by Google

mo. O lyrismo é o caracter da poesia nos primeiros tres seculos. [34]

A poesia mystica da egreja triumphante, tambem hymnica na sua quasi totalidade, é amorosa e espiritualista, desenvolve-se com a lucta dos gnosticos, com a elevação da philosophia alexandrina. S. Ephrem, solitario da Syria, combate em seus hymnos Harmonius e Bardesanes. O amor divino que a inspira, parece uma concepção maviosissima de Platão, sonhada na solidão do Sumnium. A alma que se eleva pela mystica unitiva até absorver-se em Deus, é a passagem da fabula sagrada de Psyche, ideada nos jardins de Academus, do mundo pagão para o seio do christianismo.

A poesia, mais tarde, tornou-se a narração delirante do extasi, como inspirada pela especulação philosophica do néo-platonismo. A expressão mais completa d'esta poesia são os canticos apaixonados de S. Francisco de Assis, que com o irmão Pacifico, outr'ora poeta cesareo da côrte de Frederico II, cantava pela Italia, espalhando o perfume da rosa mystica do amor divino, que o povo aspirava em sua fervorosa anciedade. Faziam com que o povo comprehendesse pelo sentimento aquellas verdades a que não podiam

34 Werfer, trad. Gosch.—Gerberti, De Cantu et Musica sacra prima Ecclesiæ ætate, t. I.

Digitized by Google

remontar-se de certo pela razão. Como os poetas da Persia, d'aquella tribu que se deixava morrer d'amor, e que expiravam cantando júnto do Kaba, Francisco de Assis abandona o mundo á busca de seus amores, esvae-se cantando na soledade das montanhas da Ombria. Sua alma anda suspensa no goso do céo, *anima plus vivit ubi amat, quam ubi animat.* É um amor delirante, fogoso, em que elle se sente arder; uma lucta selvagem, braço a braço, em que vence Jesus. É uma allegoria da imaginação ardente para figurar esta transhumanação do amor divino sob uma imagem tangivel. Todos os poetas mysticos assim fazem. Hafiz compara-se a um cirio, que se vae consumindo, mas que se embevece na sua luz. Thereza vê tambem um seraphim vir trespassar-lhe o coração com uma seta de fogo.

Victoria Colonna parece tambem haver aspirado o seu platonismo radiante e ethereo n'este perfume da alma do Seraphim de Assis.[35] Até aqui mostramos o caracter do artista em relação com Deus, ou o amor divino.

Caracter do artista em relação com o mundo: O christianismo, em meio de suas luctas, tinha adquirido uma rigidez stoica; cada objecto da natureza era uma tentação, que se occulta sob uma apparencia

35 Tutte le Rime 2.ª part. Sonnet. XXXV.

Digitized by Google

agradavel, como o aspide venenoso no vergel de flores. Tertuliano é o que mais representa esta face, que provocava os combates contra a carne, a ascese dolorosa que ia minando lentamente a existencia. Na poesia do Oriente a natureza reflecte a imagem d'Aquelle que reconcentra em si a luz, a vida, o amor, tudo; e tudo para os olhos do poeta se eleva, e sorri com uma alegria indisivel para completar a palavra, que sua alma na vertigem da contemplação não sabe proferir. Ha tambem este pantheismo sublime no mysticismo do meio-dia.

Os maiores ascetas, como Francisco, o que mais se elevou pelo sentimento depois de Jesus, sentiam-se ebrios de jubilo diante da natureza. O hymno ao irmão Sol, é um fasciculo brilhante do pantheísmo do seu amor. São tão ingenuos seus colloquios com os passarinhos que saltitam em volta d'elle para serem abençoados. [36] Na vida dos padres do deserto vemos as feras fraternisarem com os solitarios; Antão interroga o centauro da Thebaida. Assim S. Rosa de Lima convida n'uma canção as avesinhas para virem ao pôr do sol poisar-se na arvore fronteira á sua janella, e louvarem com ella o Creador. A tentação no deserto, a abnegação da vontade, da intelligencia, do *eu*

36. Vid. Poesia mystica portugueza : Frei Agostinho da Cruz, por Th. Br.

Digitized by Google

que vôa de si para Deus, eis uma segunda face d'esta relação.

Caracter do artista em relação com a obra: O poeta mystico é todo passividade. Não é a gloria do mundo, nem o fogo das paixões, que o inspira, é o sentimento do céo, do infinito que o absorve em si. Sua alma é como a harpa eólia ferida pela brisa ligeira. Tal é a vida de S. José de Cupertino, um dos poetas mysticos mais arrebatados da Italia. A Virgem é o ideal de sua inspiração; o nome de sua amante fal-o cahir em extasi. Os melhores hymnos de Jacopone di Todi são escriptos na penumbra angustiada d'um *in pace*; lá é que elle comprehendeu a *Mater dolorosa*, o quadro mais verdadeiro e sublime que ha realisado a mente do homem sobre a terra. Quando Ricardo de S. Victor escrevia o hymno *Salve Mater Salvatoris*, a Virgem apparecia-lhe esplendida de graças; as Onze mil Virgens vem dictar a Herman de S. Joseph aquelle hymno celeste de simplicidade:

O vernantes Christi rosæ,
Supra modum speciosæ!
O puellæ,
O aguellæ,
Christi caræ columbellæ, etc.

Como Hesiodo n'um sonho se sentiu embalado

Digitized by Google

pelas musas e acordou poeta, assim apparece Cedmon cantando as glorias do céo. Era a reminiscencia de uma voz interior, que ressoava em sua alma, como a vibração d'uma harpa remota. Os anjos, nas legendas piedosas, ensinaram tambem muitos hymnos da egreja. O *Regina cæli lætare*, ouve-se nos ares, quando Gregorio Magno, pela intercessão da Virgem applacou uma grande peste.

Influenciada pelo christianismo, a Arte conseguiu determinar o absoluto pelo sentimento; espiritualisou a poesia, elevando-a da apotheose da plastica á contemplação esthetica do bello. Deu vida á estatuaria tirando a immobilidade olympica, como a Grecia a concebera; deu luz á pintura, sua filha predilecta; e para exprimir os sentimentos novos, que a lyra, o pincel, e o escopro não sabiam revelar, idealisou a musica. Foi por certo a musica dos templos que fez nascer o amor de Beatriz, e que tornou a Dyotima de Platão a musa de Petrarcha.

As tres elevações de Beatriz, *gioveneta*, *donna*, *diva*, cantadas com toda a unção e inspiração mystica da renascença, mostram a passagem do visivel para o invisivel, que define toda a poesia do christianismo. A elevação da mulher que ascende com a apotheose da Virgem, o ideal que reveste a sepultura, eis ainda a realisação d'essa formula abstracta.

A arte moderna pende para o pantheismo: nem

Digitized by Google

se concebe uma sem o outro. É a religião do sentimento, da verdade, porque o coração não erra, porque não sabe raciocinar. Esta dependencia entre o absoluto e a relatividade, as relações conduzindo para elle, confundindo-se com elle, tal é o pensamento profundo da Arte moderna, da poesia do futuro.

Dezembro de 1863.

Digitized by Google

Digitized by Google

ANTIGUIDADE HOMERICA.

A BACCHANTE.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANTO 1.º

Digitized by Google

ARGUMENTO.

I. A' Grecia.—II. O Baixel.— III. Ctésios o piloto. — IV. A partida. — V. Amphínomo.— VI. A aspiração do nauta.— VII. Ao luar.— VIII. *A Nayade.*— IX. Á pôpa.— X. Canção do marinheiro grego.— XI. A ilha de Chio.— XII. A cerração.

Digitized by Google

A BACCHANTE.

I.

A' Grecia.

Oh Hélade! irman gemea da harmonia,
Lindo sonho d'amor, virgineo seio,
Alva concha do mar, deosa engraçada,
Tens por nymphas as Cycladas dispersas,
É teu docel esplendido um céo puro,
Quando te ergues risonha e deslumbrante
Do azul da vaga ionia!
Oh musa antiga,

Digitized by Google

São teus soltos cabellos, fluctuando,
Sonoras cordas de maviosa lyra;
Tua falla um gemido d'harpa eolia,
Tua alma é o riso, a infancia, Anacreonte,
O beijo da poesia. És aureo cinto
Que em mimoso tropel confunde as graças!

Oh lirio sobre a lapide nascido
Dos seculos preteritos! floresce,
Abre o calice ás lagrimas da aurora,
Deixa aspirar-te o matinal efluvio;
Grecia, lirio singelo, immarcessivel!

II.

O baixel.

Corria vagarosa a amena tarde.
De flócos d'ouro e purpura cercado,

Digitized by Google

O sol descia lento ao extremo occaso,
Similhando, ao sumir-se no oceano,
O esvaecer do espirito do justo.
A brisa embalsamada doudejava
Na vitrea face das quietas agoas;
O murmurio sonoro da ressaca,
Gemendo sobre a praia, ia casar-se
Ao carpir vago da saudosa alcyone.
Que poemas de ideal melancholia!

Que bello então ser nauta! A barca lubrica
Fluctuando ligeira, qual a nayade
Que folga buliçosa á flôr da onda,
D'Amphytrite era um mimo! A fórma esbelta,
Da iriada cinta as vivas côres,
O garboso esporão, a véla branca,
Faziam crêl-a nympha transformada,
Cymódoce travêssa e delirante.

Assim deosa de Chypre, irmãos de Helena,
Fazei luzir a estrella do seu rumo!

Digitized by Google

III.

Ctésios o piloto.

Prôa ao mar, vento em pôpa, o mestre grita:
"Desfralda o panno á viração da tarde!"

Que rouca voz é esta que se eleva
Ao noto que assovia nas enxarcias?
É o grito de Ctésios, bom piloto,
Homem de cans alvissimas, intrepido,
Quasi filho do oceano e da rajada!
Profundas rugas na bronzeada fronte
A idade e o pensamento lhe cavaram;
Causava o vêl-o uma intima alegria,
E a voz rude e cançada no alto pégo,
Quão sonora é por noites de tormenta!

Ia cahindo a tarde. A barca leve

Digitized by Google

Sobre o dorso da vaga caprichosa
Reclinada, mais célere corria
Que o namorado toiro arrebatando
A filha de Agenor, Europa, timida
Ao vêr fugir-lhe a praia.
Arfando airosa
Qual voga o cysne de brilhante alvura
Ao regaço de Léda, ella voava
Nas pandas azas dos macios ventos.

Assim deosa de Chypre, irmãos de Helena,
Fazei luzir a estrella do seu rumo!

O entendido piloto, o velho Ctésios,
Sentado junto ao leme, e os olhos fitos
Nas suspensas cortinas do horisonte,
Mudo, quêdo, impassivel contemplava
O perpassar das nuvens!
Desce a noite;
Veloz e penetrante como a seta
Sibilava a nortada aguda e fria.

Digitized by Google

Orça ao mar o timão, caçando a escôta
Do infunado velame; os duros nautas
Cantando ouvem do mestre os rijos brados.

IV.

A partida.

Amphínomo, co'os olhos rasos d'agoa,
Veio á pôpa sentar-se! Além a terra,
Terra amiga da patria, eil-a a sumir-se
Na fimbria do nevoeiro. Muda lagrima
Deslisa pelas faces do mancebo,
Vendo ao longe os casaes, vendo o seu tecto,
Na salitrosa riba alevantados,
Como um rancho d'alegres lavandeiras
Na curva enseada a trabalhar cantando.

Era assim a cidade! Um véo distante

Digitized by Google

Que lhe acenava, e a hora e as lembranças
Affligiam-no tanto!
Lentamente
Vão-se entenebrecendo as pardas nuvens,
E descem, como cáe sudario frio
Sobre aquelle que deixa erma saudade.

V.

Amphinomo.

Typo amavel da Grecia, o lindo moço
Era idylio de encanto, alma d'artista,
Era um sonho de Phidias. Doudamente
Amor nos lindos olhos lhe acenava,
Ria nelles a languida volupia!
Segredava-lhe n'alma a poesia,
Loiros cabellos em anneis dispersos,

Digitized by Google

Sobre os hombros caindo ao abandono,
Baloiçavam revoltos, destacavam
Os nitidos contornos do semblante.
Engraçado rubor lhe esmalta a face,
Dá-lhe a candura divinal assômo;
Em terno amplexo amor, melancholia
Realçam-lhe o donaire! A mão de neve,
Os dedos delicados, quanto tenta. . .
Cálido anceio, delirios, ais, blandicias,
Tudo suscita e a candidez combate.
Deixára o lar paterno; ao mar, aos ventos,
Levado pela gloria, se confia!
O rumo leva á pampinosa Chio,
Esmeralda que esplendida fulgura
No puro azul-celeste da onda egea;
Vai ás festas d'Homero, a gloria o chama.

Digitized by Google

VI.

A aspiração do nauta.

Cerrou-se alfim a noite. O sopro frio
Da asperrima rajada passa e varre
A vastidão do mar: cavam-se as ondas,
No cordame esticado os euros silvam!
Como a féra se alegra na espessura
Quando á luta sedenta se aparelha,
Assim Ctésios sorria.
Ao milesiano
Que vai sentado á pôpa, diz o mestre
Por vêl-o pensativo:
"Enchuga o pranto;
"Que pensas? céo e mar só vês?—Não falla;
"Deixemol-o dormir, talvez que em sonhos
"Veja a querida terra."
Volve o principe

Digitized by Google

Um suspiro profundo comprimido,
Que, apenas livre, na amplidão se perde.
Torna o velho piloto:
"Eu nunca tive,
"Apesar d'estes annos que me esmagam,
"Saudades lá da terra! Aqui respiro,
"Sinto a alma a diffundir-se pelo espaço!
"Se os deoses me escutassem, pediria
"As solidões do mar por sepultura.
"Se me ouvissem! que importa errar cem annos.
"Sem que entre a fatal barca, se presinto
"Quanto é bello dormir no molle seio
"Da vaga somnolenta que me embala
"Ao som de sua múrmura harmonia?"

VII.

Ao luar.

Assim fallára! Os rudes marinheiros
Vendo agouro nas trémulas palavras,

Digitized by Google

A borrasca nocturna aguardam mudos.
Em vez da luz vermelha dos coriscos,
Luz pallida, indecisa se diffunde
Sobre o espelho do mar, luz melancholica
Do saudoso luar de estiva noite,
Que faz scismar no amor e no passado.
Amphínomo sorriu-se! em côro os nautas
Levantam mil confusas harmonias,
Do mar ás mais propicias divindades
Libando alegremente. Eis surge a lua.

"Dedilha agora em tua lyra d'oiro;
"O céo, a noite, o mar, tudo convida;"
Disse o mestre, abraçando o lindo moço.
Sentado á pôpa, Amphínomo na lyra
Percorre as cordas todas; sons dispersos,
Sons maviosos que tira e que vem d'alma,
Arrebatam, suspendem. Que magía!

Digitized by Google

VIII.

A Nayade.

"Era joven a terra e berço de gigantes,
"Trazia ao peito heroes, dançavam corybantes;
"Um dia ao vir da tarde, em tarde erma e festiva,
"Da molle sesta á hora, e em hora a mais lasciva,
"No ardor da calma, o nume errava pelo mato,
"Morto de viva sêde, em busca d'um regato.
"Lá vê no fundo val ondeando o arvoredo,
"No vago sussurrar ouve intimo segredo,
"Segredo que uma brisa o diz quando suspira;
"O satyro o entende e amor egual aspira,
"E corre, corre, como a sombra inquieta e leve
"Da nuvem passageira e alva como a neve.

"Tentava a grata sombra da arvore da encosta:
"Já languido a procura, a ella se recosta.
"Alli junto serpea arroio vagaroso;

Digitized by Google

"A onda crystallina excita-o mais ao gozo.
"A alma se lhe innunda em jubilo ineffavel;
"De bruços sobre a limpha o peito insaciavel,
"O deos re refrigera.
"Á sombra do alto freixo
"Inclina-se a final, cançado e com desleixo.
"Deitado sobre a relva, um leve somno o toma,
"Um somno de volupia! Ondeia a solta côma
"Ao vento caprichoso, ás auras namoradas,
"Que, doidas, de o seguir já vinham fatigadas.
"Aqui doce trinar das aves pesarosas
"Tornavam pela tarde as horas tão saudosas.
"Dormia Pan! que deos suspende o canto vario
"Que entoam mil orpheus?
"O bosque é solitario!
"Nem a cigarra canta e tudo se emmudece,
"Pois como a natureza agora se adormece!
"Mas o silencio augusto escuta a voz de cima,
"E o silencio mesmo o quadro mais anima.

. . . . . .

"Eis Nayade gentil que surge á flôr da onda,

Digitized by Google

" Volve um languido olhar, não vê de quem s'esconda;
" Docemente da lympha eleva sem receio
" Após humero eburneo alabastrino seio.
" Estende a vista á praia, e timida descobre
" O satyro que só hirsuto felpo cobre.
" Quer logo mergulhar: repara. . . o deos dormia!
" Ignota sensação lhe dá nova ousadia;
" Em Pan detem a vista, a si depois mirava.

" D'amor um sonho egual o nume atormentava:
" Acorda; surprehende a nympha, descuidada,
" Nas agoas a mirar sua fórma delicada.
" Torvada sólta um grito, os olhos tapa, córa:
" Da visão do seu sonho o nume s'enamora.

" Ligeira foge; segue-a o deos morto d'amores;
" Já trépida se furta: assim se esquivam flores
" Se o zephyro subtil lhes dá travesso bejo;
" Assim no ar divaga o som d'eolio harpejo.
" Vão, correm, partem, como á sesta não passára
" Macia viração na trémula ceara.

Digitized by Google

"Nos braços quasi a toma, é a distancia curta;
"Nos braços presa já, já d'elles se lhe furta:
"Escapa-se! Correndo o Ládon vê diante;
"A nympha é mais esquiva, e Pan é mais amante.
"O deos se esforça, e quando o roubo era infallivel,
"Nos braços seus aperta um canavial flexivel!

"Deteve-se callado o amante a vêr seu erro;
"As sombras tinham já descido pelo cerro
"Do monte, alto degráo que com o céo entesta,
"E o triste pôr do sol findava a alegre sesta.

"Então louco tropel das auras buliçosas
"No verde canavial põe queixas dolorosas,
"Que ao vir da noite são recondito segredo
"Do amor perdido alli, perdido alli tão cedo.
"Inventa Pan a flauta, allivio a suas dôres;
"Da flauta o triste fez seus ultimos amores."

Digitized by Google

IX

A' pôpa

Aqui findára o canto. Ouviu-se logo
Anhelito abafado, enlevo d'alma;
Era o acordar d'um sonho de ventura.

"Diz, quem te ha dado a sonorosa lyra,
"Lyra mais suave do que o mel do Hymetto,
"Do que o cysne das margens do Eurotas,
"Do que o murmurio do indolente Ilysso?
"Um deos t'a deu por certo."
Assim dissera
A estreital-o nos braços o piloto.
Saudoso era o luar doirando a vaga
Preguiçosa e plangente. Os sons longiquos
Do galerno na gavea sussurrando
Tornavam mais sublime a hora e o sitio.

Digitized by Google

A fadigosa barca parecia
A Nayade lasciva a espreguiçar-se
Na lympha que suspira.
Junto ao leme
Ia Ctésios narrando as longas viagens,
O rumo incerto e vario das estrellas;
E ao compasso dos remos que feriam
A vaga brandamente, assim cantava:

X

Canção do marinheiro grego

"Já lancei ferro em Coryntho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por matronas e donzellas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi!

Digitized by Google

"Faz-me esquecer essas mágoas,
Minha barca aventureira!
Embala-me sobre as agoas
Da briza na aza ligeira!

"Mas quando arribei a Athenas,
Doido amor! que dura guerra
Soffri eu!
Oh que saudades da terra,
Ao lembrar-me das pequenas
Do Pireu!

"Embalada sobre as agoas,
Da briza na aza ligeira,
Faz-me esquecer essas mágoas,
Minha barca aventureira!

"Captivei fero pirata
E depois fui a Mileto
Refrescar!
Mas o amor me andava á cata,

Digitized by Google

Lá me deixei indiscreto
Captivar!

"Minha barca aventureira
Embalada sobre as agoas,
Da brisa na aza ligeira,
Faz-me esquecer tantas mágoas!

"Do horror dos negros escolhos
Fugindo, uma vez em Délos
Hybernei!
Foi peor; vi lá uns olhos...
Como não morri ao vêl-os
Nem eu sei.

"Minha barca aventureira,
Que importam saudosas mágoas?
Do vento na aza ligeira
Oh leva-me á flôr das agoas!"

Digitized by Google

XI

A ilha de Chio

Iam cantando e rindo. A madrugada
Recatada no véo de espessa bruma
Apparece, respira-se alegria!

Quem vem abrir as urnas crystallinas
Das perolas de que se touca a aurora?
Nuvem que mal se avista, mal distincta,
No limpido horizonte se descobre;
Vem crescendo, aproxima-se, parece
Que se alevanta das inquietas ondas.
Que fórmas ella ostenta! Vagas côres
Esmaltam-n'a. Que aroma imperceptivel!

"Terra! terra!" com jubilo gritaram
"Os sequiosos nautas; ri-re o moço

Digitized by Google

Vendo erguerem-se os pincaros altivos
Da pampinosa Chio. Áspero o vento
Encrespa a face lubrica das agoas.
Eil-a Chio virente, ilha encantada,
Tyrso alegre do filho de Semele,
Sereia que seduz com mil delicias!
Salve oh terra hospedeira! em tuas ribas
O perseguido Homero achou confôrto.
Como a aragem da terra, embalsamada,
Nos embriaga os sentidos, revelando
Que o amor, o joco, o riso ahi habitam!

XII

A cerração

Prôa a terra fez Ctésios; pouco a pouco
Nimbo caliginoso a praia esconde,

Digitized by Google

Repentino pampeiro estoira, o dia
Foge e com elle a ultima esperança.
Turbulento stridor nas surdas grutas
Reboa lá por dentro, e nas restingas
Dos occultos parceis rebrama a vaga:
Ecco soturno do trovão medonho
Pelo espaço rimbomba e tudo atroa;
O torvellino rue. Alta celeuma
Se eleva ás harmonias da procella.
Sossobra quasi a náo! Saltam de chofre
Emmaranhados ventos; rôta a véla,
Sem rumo, e já partido o leme fragil,
Affrontando a borrasca e o céo escuro,
A que almejado porto a sorte os leva!

Digitized by Google

CANTO 2.º

Digitized by Google

ARGUMENTO

I. Naufragio em Délos—II. O voto.—III—V. Morte de Ctésios.—VI. O ancião do templo.—VII. O abraço de Antiste—VIII. A floresta de Cynthios. —IX. O somno do peregrino.—X. O cazal da escarpa.—XI. O templo d'Apollo. —XII. Pæan.—XIII. A dedicação da lyra.—XIV. Clytia.—XV. A amphora de onyx. —XVI. A lyra eburnea. —XVII. A hospitalidade antiga.

Digitized by Google

A BACCHANTE.

I

Naufragio em Délos

Nas voragens indomitas do oceano
Ruge altiva a sonora tempestade.
Corisca o raio fendendo opacas nuvens,
As carrancudas trevas se condensam;
Duro estrago mil vortices vomitam.
Recrudesce o escarcéu, referve a onda,
Do esticado calabre o vento rijo
Arranca a branca véla. Obscura, tétrica
A cerração se torna, e as pranchas frageis

Digitized by Google

Rangem soltas no embate da tormenta.

Estála o mastro já lascado! Vê-se
No reflexo da vaga a hirsuta grenha
Dos parceis, dos rochedos ponteagudos.
Ouve-se estrondo surdo! Rombo enorme
Sorve a ruina imminente; ergue-se a faina;
Que alaridos no ar em vão se perdem!

Restruge a sonorosa tempestade
Nas voragens indomitas do oceano,
Bate a onda na bronca penedia,
Reboa nas cavernas salitrosas,
Confunde os gritos debeis do naufragio.
Desfaz-se a densa nevoa lentamente.
Ctésios, só, junto ao leme, a terra avista,
A rainha das cycladas conhece!
Era Délos. Nas ribas escarpadas
Em turbilhões alveja a inquieta espuma,
Encapella-se a grossa maresia;
Ctésios sobre ella vem d'encontro á praia.

Digitized by Google

II

O voto

Amphínomo, no horror d'atra procella,
Vendo o leve baixel quasi submerso,
Aos céos levanta os olhos lacrimosos,
E exclama:
"Oh Cynthio Deos, a ti consagro
"Esta lyra, meu unico thesouro!
"Dá que eu mesmo em teu templo a dependure".

E involvido na vaga marulhosa
Chega á praia, olha o mar, mudo o contempla.
Elásos, o mais forte dos remeiros,
Cançado, baixa ao pélago insondavel;
E aquelle que por noite horrenda, escura
Aos bramidos do mar cantava, Dmétor,
Na véla rôta involto, á flor das agoas

Digitized by Google

De subito apparece, e ingole-o a onda.
Iásys, Amyntor, I'tylos nutam,
Nos antros da restinga alfim se perdem.

III

A morte de Ctésios

Granitico penhasco informe e bronco
Sobranceiro se erguia d'entre as agoas!
Lascado pela dextra do Tonante,
Pelo tridente asperrimo ferido,
As negras oucas fendas, os contornos,
As brutas saliencias lhe compunham
Um como aspecto lugubre de athleta.
Dolorosa expressão, rude e sublime
Na fronte do que lucta inda na quéda,
E do abysmo profundo aos céos eleva

Digitized by Google

O grito de titanica ameaça!
Ajax obscuro que revolve a affronta,
Por isso a penha tacita acolhia
O perseguido e o fraco, porque soffrem.

Como as folhas do acantho vecejantes
O capitel revestem, e como a hera
Se enlaça ao tronco e á pedra das ruinas,
Assim Ctésios, da lucta fatigado,
Trepa o erguido penhasco! A vaga altiva
Quasi o empolga ao passar e o atropella.
A chuva fustigada pelos euros
Vem açoutar-lhe a face; o rijo nauta
Do pincaro escalvado afunda os olhos,
Contempla em baixo o bárathro medonho,
Voragem d'onde a morte já lhe acena.
Horrivel attracção! Em cruel anceio
Alonga ao mar a vista desvairada,
E vê, oh dôr! o objecto que ama tanto,
Risonho pensamento que se esvae
Nos abysmos do pélago insondavel!

Digitized by Google

Amava tanto a barca o bom piloto!
Díssereis duas almas que segredam
Confidencias d'amor no olhar furtivo.
Que amor tão puro aquelle!
Incomprehensivel.

IV

Causava mágoa o vêl-o pensativo,
Silencioso tritão enamorado,
Vendo a barca a sumir-se! O mudo pranto,
Pranto que em si resume íntima angustia,
E a angustia o inferno d'alma, deslisava
Nas murchas faces de palor terreno.
Quem sentiu dôr assim! vêr parte d'alma
Sorvida na voragem, vêr o abysmo
Mostrar no fundo o cahos e fechar-se!

Digitized by Google

V

O mar salva o baixel! Inclyta a prôa
Abate-se! ergue-a a onda irrequieta,
E apparelhado este ultimo triumpho,
Sobre a náo cae de chofre e a náo se afunda.
Seguiu-se o desespêro! o anciado velho
Volta a fronte bronzeada; o ethereo tope
Dos mastros vê baixando pouco a pouco.
Sorriu-se ao vêl-os ir.
Depois ancioso,
Cego e trémulo ergueu-se, ao rijo vento
Os madidos cabellos fluctuando,
Á mesma vaga impavido se arroja;
E a vaga esconde em si essa agonia
E os delirios do amor que o oceano inspira.

Cumprira-se tão intimo desejo!

Digitized by Google

VI

O ancião do templo

Víra Amphínomo o nauta! triste, absorto,
Immovel sobre a praia solitaria,
Ao vêr Ctésios sumir-se na onda escura,
Sólta um grito frenetico! Olha em roda,
Vê um ancião d'aspecto venerando,
Tranquillo e placido a estender-lhe os braços.
Apertaram-se! as lagrimas diziam
O que aos labios não vem, porque é só d'alma.
E sorria, sorria o ancião, alegre
Como o pai quando abraça o filho prodigo.
Erguera a fronte aos céos! serena e franca
Luzia n'ella a aureola do justo.
Soltas cans de vidente ao vento soltas,
Cahida sobre o peito a barba extensa,
Sería acaso um deos que vinha occulto?

Digitized by Google

Mentor? quem sabe! O naufrago estremece,
Mas inspira confiança o estranho rosto,
Como aquelle que faz dizer, se o vêmos,
Onde vi, se me lembro, egual semblante?

VII

O abraço do antiste

Era o bom velho Euryalo, o antiste
Do templo que dá gloria a Délos. Vinha
Involto na alva clamyde, tecida
De Clytia pelos dedos delicados.
Começa o sacerdote:
"Oh forasteiro,
"Em terra estranha, á mingoa, andas errante:
"Vem enchugar teus humidos cabellos,
"Pendurar tua cnémide alagada

Digitized by Google

"Nos troncos da floresta rumorosa,
"Que defende o vestibulo do templo.
"Vem reclinar-te ao sol que vem sahindo,
"Tomar calor nos membros regelados,
"E frugal refeição! Eia partamos;
"Oh vem! traz a alegria ao nosso alvergue."

Amphínomo se lança enternecido
Nos braços do ancião, as cans lhe orvalha
De lagrimas suaves: "Sim, partamos!
"Mas ao deos que te guia ao meu encontro
"Primeiro sagrarei a minha lyra."

VIII

A floresta de Cynthios

Iam subindo juntos a collina
Com vagaroso passo e conversando.

Digitized by Google

Vinha a nascer o sol radiante e bello,
De jubilo innundando a immensidade,
E rescendia a flôr do rosmaninho;
Gorgeavam na balça aves canoras,
A abelha ia tocando as novas flores,
Era mais fresco o trepido regato.
D'este hymeneu de amor, que o sol suscita,
Era a campina o thálamo aromatico.
Ia-se erguendo a nevoa da montanha,
E enlevados os dois no côro immenso
Da natureza, á hora a mais propicia,
Veem de longe a secular floresta.

IX

O somno do peregrino

Os zephyros brincando nas ramagens,
O sussurrar das folhas, pareciam

Digitized by Google

Como voz que interroga o forasteiro:

—Tu que vens das cidades turbulentas,
Profano evohé perdido lá da orgia,
Que procuras? Silencio, paz, conforto,
Guardam a porta do retiro santo.
É boa a solidão para os que soffrem;
Entra e vê, forasteiro da existencia.—

Ressoava assim a lugubre floresta,
Ao perpassar das auras pelas grimpas
Dos robles corpulentos.
Vão entrando
Na emmaranhada selva, e o silencio
Poisou-lhes sobre os labios. Escutava
O moço a amena voz de tantas dryades,
Os mysterios d'amor que vão lá dentro.

De espaço a espaço a brisa interrompia
A sagrada mudez. Suspende Anphínomo
D'um sycómoro as vestes alagadas,

Digitized by Google

Sobre a macia relva se reclina
Ao suave calor do sol que nasce;
Pendido o rosto na doirada lyra,
Dormiu, vieram vêl-o as doidas nayades.

X

O casal da escarpa

Euryalo, o bom velho, se encaminha
Á choça humilde, erguida sobre a encosta;
Vem avisar sua filha, a de alvo seio,
Que um hospede a seu lar um deos lhe envia.

Sorriu-se Clytia ouvindo a alegre nova,
Deixou de mão a teia de lan fina,
E foi mungir as candidas ovelhas.
Levou á fonte o cantaro, cingida

Digitized by Google

Das roupagens ceruleas, mais galantes.
Viu-se depois na lympha crystallina;
Foi crestar as colmeias, brancos favos;
Os mélicos panaes no sendal trouxe,
Aguardando solícita o momento
Em que visse o bem-vindo forasteiro.

XI

O templo de Apollo

Amphínomo desperta ao rir das nayades,
Que deixando do I'nope a torrente
Vieram vêl-o! e na hora mais lasciva
Acorda, segue-as; rapidas se escondem.
Vem Euryalo, ri-se; o moço córa
Ao vêr o sacerdote.
Ambos se embrenham
No mysterioso bosque; o moço pasma

Digitized by Google

Vendo no alto o excelso monumento.
Era o templo de Apollo.
Volve o antiste:
"Vem pois sagrar ao deos a tua lyra!"

XII

Paean

"Oh deos que tanto amaste a esquiva Daphne,
"Que do perdido amor só tens agora
"A grinalda virente:

"Que de Eurynome a filha meiga e flascida
"Cantaste em tua cythara maviosa
"Com languidos suspiros:

"Oh cynthio deos, Apollo arcitenente,
"Como ouviste de Clicia a voz magoada,
"Meus gemidos escuta.

Digitized by Google

"Lesbos, Paros, e Creta, Chio e Naxos
"Repelliram tua mãi! Quiz ser teu berço
"A vecejante Délos.

"Por isso é Délos perola entre as cycladas,
"Por isso déste á nympha da onda egêa
"O venerando templo.

"Do naufragio no horror me acolheu Délos;
"Assim tambem me guarde a lyra d'oiro,
"Que a ti consagro, oh nume!"

XIII

A dedicação da lyra

Entraram no recinto. É tudo aromas,
Tudo purpura rica de Sidonia,

Digitized by Google

Que as perolas de Ophir bordando esmaltam.
Aproximam-se da ara, o véo fluctua,
Geme a brisa nas folhas do loureiro . . .
Dentro muge a caverna, o mais . . . mysterio.

XIV

Clytia

Vinha descendo a escarpa o velho antiste;
Ao lado o forasteiro. Avistam longe
A solitaria choça, quasi occulta
Entre verdes loureiros; era á hora
Em que a cigarra canta com mais vida,
Escondida entre a sarça, quando o armento
Repousa manso á sombra. Os dois caminham
Descendo pela encosta, á choça chegam,
E á porta no poial se assentam ambos.

Digitized by Google

Fallam de longes terras, d'outros usos,
Do naufragio e d'amor . . .
Quando apparece
Clytia, a filha de Euryalo! Ao vêl-a,
Do joven estrangeiro os olhos d'agoa
Se arrasaram de subito; emmudece!
Como Clytia era bella! A vista languida
Ao chão desceu, e um timido sorriso
Fluctuava nos labios purpurinos.
A delicada mão, nevado seio,
Que alvo linho da Ionia mal esconde,
Para ostentar o amor brincão, travesso,
Que em seus olhos pullula; a côr do pêjo,
Os movimentos flascidos e airosos,
As pequeninas fallas que endoudecem,
São delirio de amor onde a alma vôa!
As donzellas de Sídon e de Tyro,
De Cós e Ionia, herdeiras engraçadas
Da alma ardente de Sapho, oh! não possuem
Como a virgem de Pyrpole taes mimos.

Digitized by Google

Que importa o sceptro para não amal-a?

Tranças soltas de Timo, que inspiraram
Canções a Meleagro em lyra eburnea,
Não excedem por certo em gentileza
Os seus anneis dispersos, ondulantes.
O sorriso mavioso de Anticleia
Não diz amor tão puro. Ella sómente
Tem uma lyra onde esse amor dedilha,
Com que alegra a velhice a um pai cançado;
É nympha occulta em timida donzella:
Ha quem, sendo mortal, se atreva a amal-a?

Córou sua face linda! Era o segredo
Mais intimo de Psyche, era a harmonia
Da brisa ao perpassar nos seus cabellos.
Lançou a Amphínomo um olhar ardente,
Não deu por isso o joven pensativo.

. . . . . .

E Clytia amava o naufrago em silencio! . . .

Digitized by Google

XV

A amphora de onyx

Sorrindo acode Euryalo: "Oh filha
"Tão meiga e docil, minha branca rôla!
"Canta um hymno d'amor, todo alegria,
"Pois que um hóspede hoje entra em nosso tecto;
"Convidaram-no os deoses!"
Mansamente
Começa a ouvir-se uma aria maviosa,
Um lubrico trinado que suspende
Os sentidos extaticos. Parece
Que a selva alegre escuta e aprende as notas;
Que philoméla, a sócia dos retiros,
As decóra! Quem sabe, era a sybilla?
Era a deosa baixada sobre a nuvem?
Era Clytia! Acabado o novo idylio
No alvergue entraram juntos.
Agua pura,
Mel do Hymetto do favo a distillar-se,

Digitized by Google

Vinho antigo de Chio, e mais que tudo
Fraterna paz, em volta, á mesa tinham.

Entrega ao forasteiro o sacerdote
Uma amphora d'onyx, lavor insigne!
Coroavam-na folhas de ceryntho;
Por anças, duas d'ellas destacando
Da flexivel vergontea. A linda taça
Por attico cinzel fôra esculpida,
Bella como a odesinha mais lasciva
D'Anacreonte; o magico relevo
Mostra Léda a banhar-se com delicia
Do Eurotas nas aguas espelhadas.
No seio d'alabastro as mãos de neve
Pudibunda cruzando, parecia
Do reflexo da onda recatal-o.
Arfando voluptuoso vinha o cysne
Encubrir com a aza o verticéllo
Mais pudico da flôr.
Prodigio d'arte
Para Jove libar no Olympo o nectar!

Digitized by Google

XVI

A lyra eburnea

" Acceita oh poeta esta amphora, ganhada
" Por mim, quando inda amava Galathêa,
" Dos loureiros da Arcadia á fresca sombra.
" Bebe-a toda! que o vinho é chuva d'oiro,
" Riso da inspiração, que alenta as fibras
" Da lyra marchetada. O velho Homero,
" O doido Anacreonte, Panyasis
" Cantaram-no; oh dilectos da harmonia!
" Com voluptuoso somno o vinho cerra
" Á luz do mundo as palpebras cançadas;
" Faz acordar no Olympo entre delicias.
" Infeliz do que ignora os seus encantos!
" Como é bello sentir correr nas veias
" Da terra o sangue venerando e puro!
" Rejuvenesce o ancião, se o labio toca

Digitized by Google

"Exhilarante cymbio que trasborda;
"E' como em quadra hyberna o dia escuro
"Que se alegra de subito, se brilha
"O rutilante sol por entre as nuvens.
"O vinho, o irmão do fogo, é a alliança,
"É a graça dos cantos, o delirio
"Da frenetica dança, o amor e a vida.
"Orvalho matutino, o peito é o calix
"Onde em nectar de poesia se converte.

"Quando serás, oh pampano virente,
"Corôa de triumpho que eternize
"Quem vir o fundo ás taças impinadas?
"Oh meu hospede! apaga da memoria
"As lembranças da patria; essa tristeza
"Que te corroe da vida a essencia debil—
"Bebe!—affoga-a no oceano de alegria!
"A taça é largo oceano côr de rosa,
"Onde o naufragio é doce! Desgraçado
"O joven que em seus labios purpurinos
"De Nictileu os osculos despresa,

Digitized by Google

"Que assim despresa o extasi d'um trago!
"Do ruidoso festim ledos convivas
"De seu gremio o repellem; gloria alcança
"Quem firme, em punho o copo, desafia
"O deos que anda enfeitado de corymbos.
"Só para elle a festa guarda encantos;
"Voz sincera, expansiva accode, exprime
"Sentimento de amor, verdade, tudo.
"Bebe pois, oh poeta! na tua alma
"Acorda o enthusiasmo tumultuante,
"N'uma mão ergue a taça, n'outra a lyra!"

Na lyra eburnea a dedilhar, sorrindo,
Clytia vira o rubor do lindo moço;
Findo o frugal convivio, o alegre antiste
Ao umbral do tugurio se recosta
Ao tepido fulgor do sol da tarde,
E sólta ao som do harpejo a voz canora.

Digitized by Google

XVII

A hospitalidade antiga

(*Prologo*)

"Filhos, veloz passára aquella edade d'ouro,
"Quando aos homens baixou de Délos o deos louro.
"Desconhecida então a dôr e o amargo chôro,
"Formava toda a terra augusto, immenso côro,
"Cantando a mão de quem vê tudo das alturas,
"Os mundos e a luz e as gerações futuras;
"Quando era a terra o templo, as almas o psalterio,
"A vida um culto, e o céo cortina do mysterio,
"Vinham bordar o empyreo innumeras saphiras;
"Amphion, Lino e Orpheo pulsavam suas lyras.
"Soltos á doce voz, sentiam os rochedos
"Magnetica attracção! dulcissimos segredos

Digitized by Google

"Dizia a rude lyra, e a múrmura corrente
"De ouvil-a assim cantar parava de repente.

"Quebrada a corda já, perdida essa harmonia,
"A terra gerou logo a hydra, a sphynge, a harpia!
"Surgiu tambem no mar carybides e scylla,
"E coriscou no céo minaz, rubra favilla.
"Na lobrega caverna Encelado relucta,
"Na íncude o bater do Cyclope se escuta.
"Eis de Pandora aberta a horrifica boceta,
"Sahiu de dentro o mal e quanto o mundo inquieta;
"Mas ai se a dôr e o mal na tetrica alliança
"Nos não deixassem vêr no fundo a esperança!

A Choça de Philemon

"Desceu á terra Jove, ignoto peregrino,
"Não vem sobre a aza má do negro torvellino,
"Nem por senda de luz que em noite esquiva e bella
"Deixa após si nos céos uma cadente estrella:
"Baixou como um viajante anciado da fadiga,

Digitized by Google

"A quem lobo nocturno a caminhar obriga.
"Por servo, um pouco atraz, firmando-se ao cajado,
"O deos do caduceo de andar vinha enfadado.
"Que vem fazer ao mundo estes excelsos numes?
"Quem sabe?
"Vem ouvir de perto ais e queixumes,
"Vem vêr a dôr e o mal correndo a terra em bando;
"E foram pela terra andando, andando, andando.

"Á Phrygia chegam já, cançados e poentos,
"Batem de porta em porta! e os surdos opulentos
"Abrigo lhes não dão, ninguem lhes mata a sêde;
"Um d'elles o sentar-se em seus umbraes impede!
"Então disse Mercurio ao deos a quem seguia,
"Saudoso já talvez do nectar, da ambrozia,
"Que á meza tem no Olympo:
"—Acaso a terra toda
"Segue este caminhar? Vou attentando em roda,
"Só vejo a escravidão, a angustia e a agonia,
"O riso mofador, o estrepito da orgia!
"Dize-me de que céo tamanho estrago chove?

Digitized by Google

" —Das mãos do homem, só! (com dôr responde Jove)
" Logo que o cofre abriu que Pandora mostrára,
" Na terra germinou esta hórrida ceara
" De raivas e de imbustes, do odio e atroz vingança!
" Vamos nós respigar n'esta ceara a esp'rança.—

" E foram caminhando!
" Havia calma ardente.
" Mercurio fatigado e já impaciente
" De tanto collear veredas tortuosas,
" De confundir-se mais nas sarças espinhosas,
" Nem via a messe loira ondeando com a aragem,
" Nem aura no arvoredo a dar sua mensagem,
" Nem ternos roixinoes cantando seus amores,
" Suavisando o affan dos bons trabalhadores.
" Cahia a amena tarde! ambos os caminhantes
" A longa estrada ao vêr pararam por instantes!
" Convinha descançar! Descia lenta a noite,
" E alli perdidos, sós, sem ter quem os acoite!

" Avistam muito além, sahindo d'um vallado

Digitized by Google

"Um vulto sob um mólho a caminhar curvado.
"Já proximo os sauda um tremulo velhinho,
"Que o mólho ás costas leva, e segue seu caminho:

—"Bom velho (disse o deos) quando eu para ti olho,
"Bem penso que o viver te peza mais que o mólho,
"Que assim te faz vergar e quasi ao chão te inclina.—

"E juntos vão subindo a ingreme collina.

"Sorriu-se o pobre velho, e um ar sincero e crente
"Na fronte lhe reluz ao fulgido crescente
"Da lua que emergiu da nuvem que a esconde.
"Sorriu-se o pobre velho e assim ao deos responde:

—"A vida é boa; é lei que sobre todos peza
"O trabalhar; que importa a agrura da pobreza!
"Lidei: no meu cazal repouso encontro agora;
"Depois revivo, acordo á luz da alegre aurora.
"Vou vêr o meu pomar que fructifica o orvalho.
"E a troco de suor, meu improbo trabalho

Digitized by Google

"Em ouro se converte, e a farta novidade
"Innunda o nosso lar de tal felicidade. . .—

"Dizendo isto, chegava ao cimo da collina;
"Em baixo mostra a choça humilde e pequenina.
"Contente o velho torna:
—"Honrai minha pousada,
"Depois sem medo ireis, raiando a madrugada.—

"Sentada á porta estava Baucis, a consorte,
"A recebel-os veio com intimo transporte.
"Olhou para Mercurio o deos que os raios lança,
"Dizendo-lhe em segredo:
—Achamos a esperança!—
"Sentaram-se ao luar, a ceia estava prompta
"(Mas prompta para quem com hospedes não conta.)
"O deos conheceu logo a candida pobreza,
"A benção da abundancia espalha sobre a mesa:
"De mel, de fructa e vinho a parca mesa é cheia;
"O mel era mais doce que o leite de Amalthea;
"O vinho! o odor que exhala é aroma da ambrozia,

Digitized by Google

"O fructo era a concordia, a alegre companhia.

—"Philémon!.. (brada a esposa) oh como á vil choupana
"Guiaste a divindade occulta em fórma humana?—
"E lançam-se por terra.
"O nume se circumda
"Do divino fulgor que a pobre choça innunda."

XVIII

Clytia depõe a lyra. O sacerdote
Deixa pender a fronte sobre o peito,
E todo absorto na visão celeste,
Ficou mudo e suspenso como em extasi;
Depois adormeceu. N'este silencio
Que não diria o ardente olhar de Clytia
E a innocencia do triste forasteiro?

Beijaram-se uma vez. . . doce delirio!

Digitized by Google

Digitized by Google

CANTO 3.°

Digitized by Google

ARGUMENTO

I. A benção patriarchal.—II. As andorinhas do outro verão.—III. O milesiano.—IV. Reconhecimento.—V.—VIII. A narração do hospede.—IX. O oraculo.—X.—XI. Tres folhas do loureiro.—XII. O Cyclope.

Digitized by Google

A BACCHANTE.

I

A benção patriarchal.

Tinha acordado o ancião. Era tranquillo
Aquelle despertar sereno e vago
Como o sahir da lua d'entre a selva.
Surriu-se ao vêr o hospede e a filha
Distrahidos beijando-se . . .
Coraram!
Euryalo os abraça com carinho,
Confunde em terno amplexo o par mimoso,
Abençôa-o, dizendo no seu jubilo:

Digitized by Google

"Abraça, oh Clytia, o irmão que o céo te envia;
"Genio d'amor o guia ao tecto nosso!"

Poisando as mãos sobre as cabeças loiras,
Põe os olhos no empyreo e reconcentra
Na férvida oração sua alma pura.
Lagrimas silenciosas pullularam
Pelas faces dos dous.
Descia a noite,
A selva murmurava seus louvores,
E pelo escuro-azul do firmamento
Reflctiam-se as côres da saudade!
Passava o sul. Na praia solitaria
O rebentar da vaga somnolenta,
O suspirar d'Alcyone, o horizonte,
Dava tudo ao crepusculo esse encanto
Que a alma entende, e que os labios não exprimem.

Digitized by Google

II

As andorinhas do outro verão

E quando assim choravam de alegria,
Vem poisar-se no côlmo da cabana
Cazal de buliçosas andorinhas.
Parecia que o jubilo as matava!
Regressavam do exilio; ambas conhecem
O sitio onde embalaram seus amores;
Vieram visital-o, contar mágoas
Da longa migração. Como hade ouvil-as
O côlmo que guardou seus ermos ninhos!
E o cazal volitava; era ao sol posto,
Clytia e o hospede e o velho sacerdote
Ao limiar do albergue se assentaram.

Digitized by Google

III

O milesiano

Disse Euryalo:

"Oh joven, em meu tecto
"Não és hoje um longiquo forasteiro,
"És filho! Filho, é um pai que t'o pergunta:
"Como é teu nome?"

"Amphínomo."

"Tua patria?"

"Em Mileto nasci! terra querida;
"Enchem-se os olhos d'agua ao pensar n'ella!
"Ventos que de lá vindes, ai, na volta
"Não conteis que me esquece a minha terra!
"Sou de Mileto, sim, filho d'Antémor..."

. . . . . .

"Tu principe! e aqui? Filho d'Antémor...
(Disse e a fronte occultou no brando seio)

Digitized by Google

"Que destino te trouxe a nossas terras?
"Que oraculos fatidicos da patria
"Tão longe te afastaram?"
Como um fio
De perolas se rompe e solta a froixo
A corrente das bagas luminosas,
Assim nas lindas faces do mancebo
Lagrimas silenciosas desfiaram.

IV

Reconhecimento

"Se conheci teu pai! Eramos ambos
"Mancebos e guerreiros . . . Como os tempos
"Nos vão fugindo rapidos, saudosos!
"No campo da batalha é que estreitámos
"O vinculo fraterno. Inda me lembro,

Digitized by Google

"Como se mesmo agora acontecesse,
"Findava o dia. A sanha recrudesce
"A embriaguez da lucta, e na planicie
"As hostes se recontram! Fréme a terra,
"As settas voam, lanças se espedaçam,
"A calma ardente exalta o horror da briga.
"Os cavallos da Media corajosos
"Com altivez relincham! paira incerta
"A sorte do combate, e d'um imperio
"O destino se joga. Ia descendo
"O sol para o occidente; eis das quadrigas
"Os heroes saltam, correm, peito a peito,
"Braço a braço, atrevidos, nutam, cahem,
"Mordem a terra; e o Orco abre as gargantas
"Para sorvel-os todos, como o oceano
"Sorve os restos d'um misero naufragio!
"Como as folhas já pallidas do outono
"Varre o vento na gemedora selva,
"Vão baqueando as fileiras!
"Se me lembro!
"Fechando-se ia a noite lentamente,

Digitized by Google

"Quando um chuveiro, subito, de settas
"Me traspassou; cahi. Desesperado
"Nas vascas da agonia, mortal sêde
"Tornava mais horrendo o transe escuro.
"Ao céo ergui os olhos; lá subira
"A voz do angustiado, quando ao perto
"Em célere quadriga, triumphante
"Desfilava um guerreiro; conheceu-me,
"E entendeu meu gemido! Oh se me lembro!
"De Mileto era o principe; do carro
"Baixa, e a sêde me estanca atroz da febre."

"Meu pai?"
"Teu pai, oh sim, joven herdeiro
"De sua gloria, de tão grande nome."

E lavados em lagrimas se apertam,
A eloquente mudez que não diria!

"Descobre agora, Amphínomo, os teus males,
"Conta-nos o miserrimo desastre:

Digitized by Google

"Como isso ha-de custar-te!"

"Não importa,

"Sinto allivio ao contar tantos trabalhos."

Aproxima-se Clytia, o velho escuta.

V

A narração do hospede

"Gémeos do mesmo seio, e no infortunio,
Orphãos de mãi, amamo-nos. Sorria
Em nosso amor a timida candura;
Era Naïs tão linda; oh quantas vezes
Erravamos sósinhos pelas varzeas
Correndo apoz a leve maripoza!
Outras vezes sentados junto ao lago
Sonhavamos venturas infinitas,

Digitized by Google

Que nos deram prazer e occultas mágoas;
Doces mágoas, por cedo nos mentirem;
Prazer por tão risonhas enganarem!
O segredar das ramas do salgueiro
Co'a múrmura corrente não imitam
Nossas fallas d'amor! Fugiam ledos
Esses ditosos annos de innocencia
Como passa ligeiro o mez das flores,
Ou como cáe o pômo não tocado.
Riso infantil d'amor, nas azas brancas
Do teu delirio, ostenta-me o passado!
Minha irman, com seus olhos buliçosos
Buscava sempre os meus, que o amor baixava;
Redobrava de encantos! Tive medo
De vir a amal-a tanto. Ella, mais linda
Cada vez, porque o amor crescia n'ella,
Apertava-me a si; calidos beijos
A face de rubor me affogueavam.

Tentei fugir-lhe sempre! E sempre Naïs
Ia encontrar-me no alcantil das serras,

Digitized by Google

Na espessura dos bosques, pensativo,
Pela soidade a dedilhar na lyra.
Ella disse-me um dia, delirante,
Não sei que fogo ardia nos seus olhos;
Ella disse a abraçar-me doidamente:
"Alta noite, no teu virgineo leito,
"Como o ecco da selva adormecido,
"Amor levou-me a vêr-te. Triste, inquieto,
"Como se intimo sonho te agitasse,
"Tu sorrias. . . quem sabe? era a poesia
"A dar-te um beijo o mais voluptuoso;
"Teu seio palpitante, descoberto,
"Fascinava-me; e quando. . .
"Tu somnambulo
"Ergueste-te do leito, mal cingido
"No cendal transparente! um raio de lua
"N'esse instante espreitava da janella;
"Era tudo silencio, amor, segredo!
"Segredava tua alma, o que? Falaste
"Em partir! para onde? Alfim na lyra
"Poisaste a mão inerte. Os sons dispersos,

Digitized by Google

"Diluvios de harmonias mal distinctas,
"Retratando a incerteza de tua alma,
"Enlevavam, matavam-me de encantos.
"Quiz apertar-te nos meus braços trémulos,
"Confundir-te na luz do amor que sinto!
"Receêi acordar-te. Era tão bello
"Teu somno de innocencia!"

VI

"Assim fallava.
Não me deixára ouvil-a mais meu pranto;
Sorriu-se com desdem. Desde esse instante
Tentei abandonar o lar paterno,
Percorrer longes terras; d'este modo
Talvez que essa vertigem se esvaísse.
Meu pai comsigo em vão buscava a causa
Da estranha dôr que a face reflectia.
Um dia ao vêr-me triste e solitario,

Digitized by Google

Entre afagos me disse:
"Oh filho, occultas
"No intimo do peito angustia seva,
"Nem buscas para a mágoa doce allivio?"
E eu lhe disse, lançando-me em seus braços,
Banhado o rosto em lagrimas ardentes:
Ha-de o filho d'Antémor ser o herdeiro
D'um sceptro, sem tambem lhe herdar o arrojo?
As glorias, os triumphos me enamoram;
Vou a Élida, ás festas turbulentas,
Corro aos jogos olympicos! Sou moço,
Quero ir abraçar Hercules, com elle
Ensaiar-me em athleticas palestras.

VII

Meditei longo tempo. Da partida
Affligia-me o golpe, era um inferno
O que tinha aqui n'alma! amava-a tanto!

Digitized by Google

Sorria-me esse amor, quiz combatêl-o,
Senti-me debil, fraco! auxilio invoco
Á harmonia da lyra, e os sons vehementes
Acordavam-me ideias de volupia.
Quebrei-a. Desvairado me escondia
Nas reconditas furnas da floresta.
Era esplendido o céo, o azul tão puro!
Ao céo levanto os olhos, senti forças;
Supplicando conforto á divindade,
Alfim pude luctar tambem commigo.

Acordei do meu extasi ao queixume
D'um velho cego e triste, abandonado,
Que se abraçára ao tronco de um loureiro,
Que no cairel do abysmo florescia.
Queixa amarga e sentida! Conduzi-o
Para o marco da estrada, e ahi me entrega
Reconhecido a lyra, que inda ha pouco
Te dediquei, oh nume!
"Oh vai, me disse
"Vai a Chio, a de pampanos virentes,

Digitized by Google

"Que a onda egêa abraça; lindos moços,
"Coroados de loureiro, doudejando
"Cantam por lá nas festas sonorosas
"Do filho de Crytheis. Vai procural-os,
"Desafia-os; bem sei que á gloria aspiras,
"O triumpho te segue, ao mar em breve!"

Da lyra extráe uns sons melodiosos,
Sons que vem d'alma, eguaes aos que sentimos
Quando trasborda n'alma o regosijo.
Que transfiguração sublime, estranha!
E quanto mais dedilha, ethéreas fórmas
Ostenta divinaes. Já me deslumbra
O fulgor de sua vista! Exhala em volta
Suavissimo odor; a alma se innunda
De ineffaveis delicias: n'esse instante
Poz-me a lyra entre as mãos, e ao elevar-se
Sobre as ondas sonoras, remontando
Pelo azul da amplidão, me diz:
"Ao nume
"Que essa lyra te ha dado entrega-a um dia."

Digitized by Google

VIII

"Quem era o excelso nume? onde o seu templo?
N'essa tarde parti. Veleira a barca
Singrava para Chio a pampinosa.
Irada Venus, por fugir seu culto,
Fez soltar cerrações e tempestades,
O naufragio, e a morte... o amor..."
Sorriu-se,
Comprehendendo essa timida palavra,
Enamorada Clytia. Sobre a fronte
Do venerando ancião cahiam, mudas,
Irrepressiveis lagrimas candentes.
Era a lembrança de um tremendo oraculo,
Que á mente lhe viera, horrivel, feio,

Digitized by Google

IX

O oraculo

"Porque vamos mais longe?" acode o joven
Ao vêr o ancião com vagarosos passos
De Cynthios o alto pincaro subindo.
Vinha raiando o sol, doce alegria
Diffundindo por toda a natureza.

Voltou a fronte o venerando antiste,
Como se um raio do sol o deslumbrasse,
E disse ao vêr o principe proscripto:
"Descancemos n'este ermo; ao pé do templo
"Te descubro o recondito mysterio
"D'uma lagrima; filho, oh filho, escuta...
"Ai, se Clytia adivinha tal segredo!"

Sentaram-se. O cançado sacerdote
Sobre o peito apertou do forasteiro
A cabeça gentil, mudo, chorando.

Digitized by Google

Foi profundo o silencio. Um ai sentido
Arrancou-lhe dos labios taes palavras:

"Um dia Clytia, aquella que amas tanto,
"Aurora da velhice de meus dias,
"Voltou da caça á hora do sol posto.
"Trazia exangue timida gazella
"Que no monte frechára. Ao hombro o arco,
"O faretrado coldre, tinha o garbo,
"O andar, a magestade de Diana;
"Fui offertar ao deos a sacra victima.

X

Tres folhas do loureiro sagrado

"Interroguei o oraculo. Era mudo,
"Senti um santo horror, e vacillante
"Interroguei-o ácerca do futuro.
"Ouvi sómente o ecco de meu brado.
"Dolorosa vertigem! De repente

Digitized by Google

"A caverna restruge, o véo fluctua,
"Perpassa um rijo vento. . . e vi soltarem-se
"Do loureiro tres folhas. Que presagio!

"Aterrado cahi; fria rajada,
"Sibilando nas franças do loureiro,
"Parecia dizer:
—"Funerea off'renda! . .
"Funesta formosura! . . fatal naufrago!
"Funestissima Venus vingativa! . . —

"Não sei que mais ouvi. Ergo-me pávido,
"Nas thuricremas aras sacrifico,
"Para aplacar o vingativo nume
"Qualquer que fosse a victima votada."

Permaneceu o ancião meditabundo,
Como o nauta que espreita silencioso
A nuvem que o horisonte lhe cerrára.
E depois murmurou:
"Tres folhas! . . Venus!

Digitized by Google

"Um naufrago . . . funesta formusura ? . ."
As lagrimas lhe saltam copiosas,
E delirante exclama:
"Oh salva-a! salva-a!
"Minha filha! o meu unico thesouro!
"Fuge! fuge, fatidico mancebo!. . .
"Mas eu amo-te tanto! . . Filho! filho! . ."
E enlaçado d'Amphínomo no collo,
Pendida a fronte, as alvas cans dispersas,
O antiste mal sustinha o inerte corpo.

XI

"Como posso eu fugir a taes destinos?"

"Sim, fugirás, (Euryalo responde)
"Curvemo-nos ao nume. Já vem perto
"As festas de Theseu! alvejam longe
"Da náo sagrada as infunadas vélas.

Digitized by Google

"Theóris vem sulcando a vaga ionia,
"A brisa, que murmura pela gávea,
"Dos deliastas confunde o alegre canto.
"A Athenas irás n'ella; assim regressas
"A Mileto, ao teu reino. Oh para a fuga
"Convém que te inicíe nos mysterios
"Que lá vão celebrar. Escuta, Amphínomo."

Digitized by Google

XII

O CYCLOPE

(Iniciação na montanha)

Prologo

Cahiu por fim vencida a raça inclyta e fera,
A raça dos Titans, que a terra hoje não gera;
Um deos a derrubou!
Nos páramos do Orco attonita se esconde,
Lá dentro o raio estala, e o ecco, se responde,
A dôr não o vibrou!

Digitized by Google

Encélado convulso na horrida caverna
Titanica ameaça ergueu! ameaça eterna,
Em vez de acerbos ais!
Repousa Jove altivo o sceptro e o mundo espanta;
Assim findára a lucta! O Olympo ethereo canta
Em córos triumphaes!

Mas o forte será por sua vez vencido!
O deos que abrange o espaço encontra Amor perdido,
E vence-o doido amor!
Faz d'elle quanto quer! agora é manso toiro,
É satyro lascivo, é cysne, é chuva d'oiro,
Que orvalha occulta flôr!

O toiro nedio e manso era alvo como a nata,
O azul dos olhos seus, que a mansidão retrata,
Quem hade recear!
Lambe a mimosa mão que tímida o enfeita,
Travêssa Europa está sobre elle, e não suspeita
Que a leva pelo mar!

Digitized by Google

E o cysne? parecia a fluctuante lyra
Vogando pelo rio; saudoso, ermo suspira,
Lastíma dor egual!
Banhava-se a sorrir de Tyndaro a esposa;
Ao collo toma o cysne . . . ah, como a mariposa
Fecunda a flôr do val!

Que lindo orvalho d'oiro esmalta o azul do espaço!
D'Acrisio a filha ao vêl-o airosa abre o regaço,
No collo o nume tem!
Amor que não fará? o amor ardente e vivo
Faz tudo quanto quer, em satyro lascivo
O deos tornou tambem!

E ao que fez baquear a Titanica raça
C'o raio vingador que os impios despedaça,
Amor doido o venceu!
Fez d'elle quanto quiz! fez d'elle orvalho d'oiro,
Um satyro lascivo, um cysne, um manso toiro;
Fez-lhe esquecer o céo!

Digitized by Google

PRIMEIRA PARTE

O leito eburneo

Não foram esses, não, os unicos favores,
Que Jove conquistara em perfidos amores.
Como volita e foge a aragem pela sésta,
Seméle assim se esquiva ao nume que a requesta.
Tredas fórmas gentis em vão elle assumia,
Nenhuma namorava a filha de Harmonia.
"Sou Jove!" alfim lhe diz. Seméle devaneia;
Amada por um deos! . . em jubilo a alma anceia.
Já vencida se mostra aos olhos do Tonante,
Que só raios d'amor dardejam n'esse instante.

Languesce a meiga flôr ao declinar do dia. . .

Digitized by Google

Muda, raivosa, Juno occulta tudo via!
Espera com ardor do amante a despedida,
E na vingança atroz medita enfurecida.
D'uma aia carinhosa e antiga os ares toma,
E c'um sorriso falso ao limiar assôma.

A saudosa amante, em pranto debulhada,
Accusa o deos que olvida a volta suspirada.
Aproxima-se a ama, e com fallaz carinho
No peito lhe insinua o doloroso espinho:

"O amado que em teu collo ás vezes se adormece
"Não é Jove," lhe diz.
"Pois quem tem senão esse
"A magestosa fronte, os olhos coruscantes,
"O labio que incendeia em fogos delirantes,
"O divino falar que o peito me commove?!
"A quem Seméle amára, a quem, a não ser Jove?"

Mas encendida a deosa em rábido ciume:
"O moço te enganou! de certo não é nume,

Digitized by Google

"Bem vês que elle não sáe da nuvem rescendente,
"Que transporta dos céos á terra de repente,
"No olympico esplendor da augusta magestade,
"O deos que no relance abrange a immensidade."

Deixou-a triste, incerta, em lucta violenta,
Triumpha o amor na lucta, e n'ella mais se augmenta!
Cerrou-se o horisonte, e em tão saudoso instante,
Eil-o regressa alfim o suspirado amante!
Cingindo-a contra o peito, a nivea face oscula,
Languesce e com delirio as falas articula:

"Porque choras assim? os olhos teus formosos
"Que dôr veio turbar de prantos pesarosos?
"Doce anhelo d'amor do peito não exhalas,
"Nem me apertas a ti? Seméle, não me falas?"

"Trahiste-me! não és, não és o excelso nume!"
Clamou Seméle, emfim, rompendo o seu queixume.

"Sou Jove, o deos que lança os raios!..."

Digitized by Google

"Ah se o fosses,
"Tornáras do meu pranto as lagrimas mais doces.
"Se o és, mostra-te altivo, excelso, irradiante
"No olympico explendor..."
Sorriu-se o doido amante!
Doloroso sorrir! talvez porque pressinta
Vêr ao clarão do sol a flôr mimosa extincta.
Ia alta a noite. Deixa o deus o eburneo leito,
Leva uma intensa dôr no intimo do peito,
E foi subindo o celso Olympo, sem ruido,
Temendo realisar um tão fatal pedido.

A caverna de Lemnos

Era tudo silencio a essa hora nas alturas!
Em baixo o furacão fracassa as espessuras
Da selva secular, e horridas procellas
Borrifam com a vaga as nitidas estrellas...
Noite sombria, aziaga! Inquieto, triste e lasso,

Digitized by Google

O deos se remontava aos páramos do espaço,
Que a noite inda involvia em denso, opaco manto.

Como um grito feroz de desespero e espanto
Que o vencido arremessa ao baquear em terra,
De subito uma voz fatal, que o nume aterra,
Eccoa pelo ar, interrompendo anciosa
A sagrada mudez! Assim aguia orgulhosa
Pairando sobre o abysmo eleva o eterno grito,
Se o raio a traz d'encontro á rocha de granito.

O deos pavido escuta, ainda distrahido,
Pelas soidões do espaço o ecco repetido!
Era a voz de estertor d'um peito em dôr immerso,
Que vinha fria já do fundo do universo.
O deos tocava quasi a cima do alto monte;
Lançou ao longe o olhar, prescruta o horisonte;
Nada alcança, e galgando os cumulos immensos
Dos nimbos que no ar vogam ermos, suspensos,
Apenas vê, do alto, o mar, a tempestade
Sacudindo a aza negra em plena immensidade.

Digitized by Google

Urra o vento na selva, e mais alto que o vento
A queixa atroz eleva o ignoto soffrimento.
O deos pára, contempla a machina do mundo,
Lança depois a vista ao abysmo profundo,
Sente que de lá vem essa estranha harmonia,
Fixa mais o relance, espreita. . .
O que veria?
Era um Cyclope enorme, absorto em seu trabalho,
Cantando ao estridor das pancadas do malho,
Na solidão da noite e ás horas mais remotas.
Na incude a pancada acompanhava as notas,
E ao som que ia vibrando o raio incandescente
Pyrácmon e Bronteu, dormiam longamente.

Canto do Cyclope

"Guerra eterna de morte! Em cima o deos se esconde,
E ao grito d'afflicção, lá, com trovões responde!

Digitized by Google

Inaccessivel, só, no azul da immensidade
Concentra a vida em si, a luz e a verdade.

Deixa o homem com dôr errar em densa treva,
E vem-no derrubar quando elle mais se eleva.

Mas no fundo do abysmo um dia quebra a algema,
Escala o céo e rouba a perola ao diadema.

Elle o supplanta e diz, quebrando o braço inerme:
Revolve-te, oh mortal, na pequenez do verme!

Encélado cahiu, já Prometheu baqueia!
Que importa! hade outra mão romper essa cadeia.

. . . . . .

. . . . . .

Vêr-me eu forçado, aqui, no fundo da caverna
Os raios a forjar á impia dextra eterna! . ."

Digitized by Google

Nas fauces pára a voz! seu gesto é fero, hediondo,
Terrivel, mas sublime! e ao repentino estrondo
Do malho que lhe cáe das mãos e o ar atroa,
O deos ao celso Olympo infiado parte, vôa.

O banquete no Olympo

Inspira erguida taça
Frenetica alegria
Na mente que esvoaça,
No canto que extasía.

O nectar se derrama
E em languidez embriaga
O olhar que o amor inflamma,
O olhar que incerto vaga.

Risos no ar perdidos,
Lyras no chão dispersas,
Cabellos desprendidos
Em lubricas conversas.

Digitized by Google

Mas d'estas travessuras
Na hora delirante,
Um ruido nas alturas
Se escuta . . . era Tonante.

Ao solio se remonta
E os penetraes atroa,
Contando a dura affronta
Que a impia voz entoa.

E quando o Olympo estua
Em ira e não descança,
Vozea e tumultua,
Bradando por vingança:

De raiva transportado
O deos á terra desce. . .
. . . . . .
. . . . . .

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

Adormecida

Occultam-na do leito alvissimas cortinas,
É nayade que dorme em ondas crystallinas,
Cabello destrançado, egual á chamma d'ara
A fluctuar do sul co'a brisa que passára.
O seio alvo de neve, a furto descoberto,
É o lirio do val que o sol colhe entreaberto.

Era tudo silencio! e as horas tão propicias
Para falas d'amor e timidas caricias!
N'esse instante entra o nume! A raiva que o impelle
Transforma-se em brandura ao vêr dormir Seméle.
Enlevado a contempla; nunca tão formosa
Se lhe ostentara Juno:

Digitized by Google

"Oh flôr pendida, rosa,
"Não te esfolhe ao passar a brisa matutina,
"Que ao beber teu perfume aerio desatina!"
Abraça-a com vehemencia! Ai, trépida ella acorda,
Como quem dá por si do fundo abysmo á borda;
Ao vêr o falso amante apossa-se da ira,
Mas o amor póde mais, e então chora e suspira.

"Porque choras, amor? dei causa a teus queixumes?
"Esquivas-te de mim? de Jove, o rei dos numes?"

"Não és Jove! se o és, que eu veja o meu amante,
"O rei dos numes, hoje, excelso, irradiante
"No olympico esplendor da sua divindade!
"Quero-te vêr! assim amar quem te não hade!"

Mas de repente o deos, dos olhos deslumbrantes
Deixa cahir a luz a jorros coruscantes;
O rosto n'um clarão diáphano se banha,
A dextra se alevanta! e d'esta vista estranha
Attonita Seméle, em terra, espavorida,

Digitized by Google

Cahiu, como se esfolha a rosa emmurchecida
Pelas calmas da sésta, ou como a borboleta
Que vôa em tôrno á luz, e morre de indiscreta.

Absorto em sua dôr, nutrindo angustias sévas,
O nume anciado parte, e embrenha-se nas trevas.

Vozes de ao longe e ao perto

Ainda a ferrea voz do Cyclope raivoso
Nas solidões acorda o ecco doloroso,
E ao estrepito atroz dos golpes do martello
Na incude, cantava um hymno horrivel, bello:

"O homem fórma o deos na mente creadora,
Depois lança-se em terra e a obra sua adora!
Baixo, sem ter um braço eterno que o opprima,
Instincto abjecto o prostra ante o poder de cima;
O clarão da verdade offusca no mysterio,

Digitized by Google

Immola-se no altar, depondo o alto imperio
Na mão do que hoje reina em toda a immensidade,
Brandindo o raio atroz, soltando a tempestade.

Quebre-se um dia o sceptro! Á luz do grande dia
Bem vejo a divindade—é a Lei, a Harmonia!
Á mente, quando indaga, e aos olhos não se esconde.
Olhos meus! onde está? aonde? aonde? aonde?

Vejo-a ao romper do sol na luz que doira os mares,
No gemer da floresta e aroma dos palmares,
N'um sorriso de mãi, nas graças, no carinho,
Na maviosa canção d'uma ave no raminho.
Vejo-a na viração mensageira d'amores,
Que no rosal doudeja a fecundar as flôres;
Na côr que á tarde tem o esplendido horisonte,
No doce murmurar d'uma argentina fonte,
No vir das estações, no declinar das eras,
Na musica sonora e augusta das espheras.
Contemplo em toda a parte o seu poder immenso,
E mais me absorvo lá cada vez que mais penso.

Digitized by Google

Quebre-se o impio sceptro, e ao vehemente grito
Confundam-se outra vez o infinito e o finito!"

Vida! Lux!

O deos sahiu da sombra opaca que o escondia,
E interrompendo a voz acerba da ironia,
Transportado da luz nas céleres torrentes,
Como passa um baixel nas vagas transparentes;
Ao Cyclope lhe deu a vida interminavel,
Deu-lhe o errar no cairel d'um abysmo insondavel,
A sêde do saber, que o peito dilacera,
O vasio onde sempre um mundo achar-se espera,
E o abrasar-se na luz dos arcanos que indaga,
E ao peso succumbir do nada que o esmaga.

Fim da iniciação.

Digitized by Google

XIII

Assim fallara longamente o velho,
Brilhante luz de inspiração divina
Involvia-lhe a fronte! o horror sagrado,
O mysterio tremendo e o silencio
Prostram em terra o pavido mancebo!

Digitized by Google

CANTO 4.º

Digitized by Google

ARGUMENTO

I—II. No banho. — III. A' sesta. — IV. A floresta de myrtos. —V. Profanação da lyra.—VI — VII. Nua. —VIII. Canto d'amor ao luar. — IX — XIII. A náo sagrada.

Digitized by Google

A BACCHANTE.

I

No banho

O cysne, que deslisa n'agua pura
Do crystallino Eurotas, não vencera
Na graça e candidez Clytia, alli nua
Banhando-se risonha. Era a nascente
Tão limpida! e os languidos salgueiros
Davam á urna recatada sombra!
Doida, doida a brincar, vendo-se n'agoa,
Namorando suas fórmas delicadas,
Que delirio de amor não inspirava!

Digitized by Google

As solitarias aves gorgeando,
As brisas segredando na folhagem,
E o sol por entre as nuvens do occidente,
Vinham tornar esta hora tão propicia . . .

Clytia alegre, dispersos os cabellos,
Lascivo o olhar, mimosa Galathea,
Mais timida talvez que a loira nayade,
A doudejar na trepida corrente,
Mais occulta que a ondina do nevoeiro,
Não cuidava que a visse olhar travêsso.

II

Viu-a o amante assim! morto d'amores
Passou-lhe pela mente a voz do oraculo;
Inquieto foge.
A deosa de Cythera
Da alva espuma do mar não sahe tão linda
Como a virgem do banho; os peitos brancos
Como a neve dos pincaros do Athos,

Digitized by Google

A coxa trémula, o macio pello,
E a pyra de crystal onde arde a chamma
Que incendeia sem vêr-se. . . a filha d'Héllade
Era um poema d'amor! Na selva muda
Ouviu-se um canto lubrico e sentido:
A virgem toma o arco, a aljava, as settas,
Veloz parte, detem-se, escuta!
Um riso
Adejou-lhe nos labios purpurinos,
E ao conhecer a voz doce e maviosa,
Corre aos braços do amante!
Elle cantava:

III

A' sésta

"Estavas distrahida
"No banho á tarde respirando aromas!
"Ah, vi-te! hora de vida,
"Eu vi-te; n'esse instante

Digitized by Google

"Pareciam suster-te n'agoa as pomas
"O corpo fluctuante.

"Eu. . . d'entre o arvoredo, quasi occulto,
"Temia que o desejo me trahisse,
"Pois tu, cysne do lago,
"Mostravas, na doudice
"De namorar as fórmas de teu vulto,
"Anhelo ardente e vago!
"E vi-te! . . n'esse instante
"Pareciam suster-te n'agoa as pomas
"O corpo fluctuante.

"Como eras linda! as cômas
"Cahindo em anneis, soltas,
"Ondeavam-te nos hombros,
"Ás quédas e ás voltas!
"Mais bellas n'esse instante
"Pareciam suster-te n'agoa as pomas
"O corpo fluctuante.

Digitized by Google

"Irmãs gémeas da graça
"Unidas n'um amplexo,
"Casal de pombas mansas,
"Throno d'amor e da volupia a taça,
"Tremendo, qual nas danças
"Se corres delirante,
"Suscitavam desejos que não domas!
"E ainda n'esse instante
"Pareciam suster-te n'agoa as pomas
"O corpo fluctuante."

IV

A floresta de myrtos

Perderam-se no canto. Fascinada,
"Venceste-me na lyra, lhe diz Clytia;
"Se me vences no arco ou na carreira,

Digitized by Google

"Triunfa o teu amor! Vês este pomo?
"No ar o frecharei com veloz séta."

E a séta vôa, e cáe trazendo o pomo.

"Eis arco e frecha, e se o ferires
"Sem me tocar este hombro, é tua a palma."

Cahem da mão do joven arco e séta.
"Hesitas? Se na célere carreira
"Me alcanças, a victoria é tua ainda."

Despede Clytia na veloz corrida;
A ondulante fralda traiçoeira
Descobre as alvas carnes torneadas.
Fascinado, pungido do desejo,
Rapido a segue o moço delirante.
De cançaço, ou d'amor, ella arquejando,
Não póde mais: tropeça, cáe vencida.

Os myrtos rescendentes da floresta

Digitized by Google

Condensaram em torno as sombras gratas
Aos mysterios d'amor.
Sorriu-se Venus,
Mas ai! não basta, que a passada injuria
Do peito vingativo não desterra.

V

Profanação da lyra

No alto estava o templo. Repetindo
Doces protestos d'um amor eterno,
No templo entraram juntos; brisa tepida
Levemente passou, cahem tres folhas
Do loureiro sagrado, e não conhecem
O mysterio que se abre ante seus olhos.

Penetram no recinto! O forasteiro
Toma a lyra do altar, dedilha; as notas
Não traduzem tão intimos anceios.

Digitized by Google

VI

Nua

"Amo-te muito! Encantam-me
"Teus nitidos contornos,
"Despida dos adornos,
"Realças o ideal!
"Da Grecia és deosa, és symbolo,
"És a ficção do artista,
"Diana assim foi vista
"No lago de cristal!

"Teu seio arfando trémulo
"(Não córes, não o escondas)
"É véla sobre as ondas,
"Onda em ceruleo mar!
"E as pomas brancas, tumidas,
"Amor, que brincas n'ellas,

Digitized by Google

"Concede-me que ao vêl-as
"Me perca n'esse olhar!

"Teu corpo? as graças prodigas
"Lhe deram seus primores,
"As fórmas, leves côres,
"Melhor. . . nem a sonhar!
"Macio pello, flascido
"Reveste-o, bem como
"Ao sasonado pomo
"A felpa vem ornar!

"Macio pello occulta-me
"Vedado paraiso!
"Oh porque vem teu riso
"Negar-me o que eu só vi?
"Um anhelar prolifico,
"Um gozo que fluctua,
"Existe,—aonde?
"Nua,
"Lembro-me ainda, aqui?"

Digitized by Google

VII

Rebentaram tres cordas sobre a lyra;
O filho de Mileto impallidece
Ao vêr tão profanada a lyra d'oiro!
Vinha descendo a noite, espessa bruma
Cobria em baixo a habitação do antiste.

. . . . . .

. . . . . .

Foram sentar-se á porta da choupana,
Sorriu-se o velho ao vêl-os vir sorrindo.
Era o luar saudoso, o mar tranquillo,
Doce e plangente o rebentar da vaga.

VIII

Canto d'amor ao luar

"Quando em mel se converte a gota d'agoa,
"Que ao romper da manhã graciosa veio
"Dar vida á murcha flôr:

Digitized by Google

"Como não fôra doce a occulta magoa,
"Se deixasses cahir sobre meu seio
"Uma lagrima d'amor!"

IX

A náo sagrada

De ouvil-o, o ancião de Pyrpole entre os braços
Aperta doidamente o lindo moço;
Ai! quando o horrido oraculo esquecia,
Parece como ouvir vaga celeuma,
Estremece! na praia cresce a grita,
Chegára a náo sagrada.
Para a praia
Vão caminhando... Amphinomo descobre
Um rosto de mulher por entre a turba,
Triste, pallido, inquieto, em soledade.

Digitized by Google

Era Naïs! De terra em terra andando,
Procurava um irmão, que a abandonára,
Que escarnecera seu amor ardente.

O phrenetico bando das donzellas
Toucadas de corymbos, doudejava
Cantando em côro. E Clytia emmudecera
Ao vêr que uma d'entre ellas, a mais linda,
Nos braços estreitava o seu amante!
Detem-se! a labareda do ciume
Comprimida, no peito lavra... Escuta:

"No silencio d'aquella despedida,
"Se inspirava saudade o azul dos mares!
"Eu disse-te: Talvez serei sem vida
"Na volta, se algum dia alfim voltares.

"E então junto ao meu tumulo esquecido
"Talvez que indifferente nunca passes!
"Nem ao soltar o sonho dolorido
"Deixes correr as lagrimas nas faces!

Digitized by Google

"E languida sorria n'esse instante;
"Como a vergontea trémula e flexivel
"Ao teu seio encostava meu semblante,
"E via n'um abraço o impossivel.

"Mas na mudez da amarga despedida,
"N'essa hora de lethal melancholia,
"Disseste-me: Se acaso já sem vida
"Te achar na volta, se voltar um dia. . .

"Quando o vento gemer por entre as ramas
"Dos cyprestes da tua sepultura,
"Escutando essa voz com que me chamas,
"Heide ir gozar teu somno de ventura.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

"Vim de longe cançada da existencia,

Digitized by Google

"Oh vista enganadora do deserto!
"Quando buscava o alivio para a ausencia,
"Minha doce illusão desfaz-se ao perto!..."

As lagrimas candentes, os soluços
Em que a alma se exhalava, entrecortaram
A dolorida queixa! O alarido
Ao murmurio do I'nope se augmenta;
E as lagrimas febrís que a ancia inspira,
Que o rosto lhe escaldavam, frias cahem,
Quiz reprimil-as, cahem mais copiosas;
O corpo inerte pende! Uma vertigem
Ennubla o passamento, e mal conhece
Que se transmuda em gemedora fonte.

X

Ficou mudo o estrangeiro. Clytia, doida,
Do tropel das Bacchantes sáe, coroada

Digitized by Google

De pampanos, de nébride vestida!
Soltos, dispersos os cabellos loiros,
E scintillante o olhar em raiva acceso,
O thyrso ao ingrato amante ella arremessa;
Ao som dos berecynthios instrumentos
A feroz comitiva ergue mil gritos,
O moço cáe ferido. Eleides cruas
O despedaçam, tingem-se no sangue,
Lançam no rio o corpo delicado,
Gritando como as ménades sedentas
Do Rhódope e do Ismário.

XI

Opaca nuvem
Cobre a face da lua n'esse instante!
De Nictileu as virgens se dispersam,
Clytia, só, desvairada, busca a selva,
Calou-lhe a dôr a voz do soffrimento.

Digitized by Google

Oh nem póde chorar! como ella esquece
A velhice d'um pai que amava tanto!

Sem aljava e sem arco entra na selva,
Na caverna mais lobrega se occulta,
Um barathro se abriu no fundo d'alma!
Vieram-lhe á lembrança aquelles dias
De tão ditoso amor! Brisa nocturna
Sacode os arvoredos seculares,
Urra o leão no deserto . . . e nada teme!

XII

Raiou da madrugada o alvor primeiro,
Dos Deliastas na praia o canto sôa,
Reina o jubilo em Délos! Da tristeza
Que sombras sobre a fronte veneranda
Do sacerdote escondem a alegria?
Que pallidez mortal? que occulta angustia

Digitized by Google

De repente o assaltou? Voltaram todos,
Para verem do Ínope nas agoas
Livido corpo de gentil mancebo,
Os pavidos semblantes!
Da corrente
Dilacerado, inânime o tiraram;
Como era triste o vêr tão lindo corpo
Ferido, sobre a praia! Onda plangente,
Ao vir tocar seus membros, parecia
Vir embalar-lhe o somno descuidado.
Roxos agora os labios purpurinos,
Murchas as rozas da mimosa face,
E extincto o fogo d'esse olhar ardente,
Causava intima dôr! Pomba ferida,
Flôr que languesce na longiqua plaga,
Na aurora da existencia, ao vel-o o antiste:

"Oh desgraçado, á mingua, em terra alheia,
"Longe do lar paterno, cruel morte
"Barbaras mãos te deram! Quando a esp'rança
"No horisonte da vida despontava,

Digitized by Google

"Sentindo n'alma o beijo da poesia,
"Quando era o mundo o teu vergel florído,
"Tu n'elle a mariposa; impio destino
"Te arroja á eterna sombra! Oh se em meu tecto
"Buscando amigo amparo, achaste a morte. . ."

Cahiu por terra o misero ululando!
Do moço o corpo languido na arêa
Estendido ficára; mãos piedosas
Com balsamos o ungiram, régia purpura
O involveu depois! em torno á pyra,
Em côro funebre as donzellas cantam;
Brisa fagueira e doce, talvez vinda
Das ribas de Miléto, brandamente
Atêa a labareda que fluctua.

XIII

Mas quando a chamma pallida, faminta
Se enlaçava a seus mádidos cabellos,

Digitized by Google

Cobrindo os olhos onde o amor sorrira,
Os dedos delicados que pulsaram
Maviosa lyra, a lyra do infortunio,
Ao estálido lugubre dos ossos,
Clytia bella apparece! O desespero
A arroja! Desvairada, espavorida,
Vertiginosa, inquieta em seu delirio,
Como na luz se abraza a borboleta,
Se precipita sobre a mesma pyra.

FIM DA BACCHANTE.

Digitized by Google

Digitized by Google

HARPA DE ISRAEL

STELLA MATUTINA — AVE STELLA!

Digitized by Google

Digitized by Google

STELLA MATUTINA

(Poema biblico)

I

A manhã do Eden

EMBALADO em torrentes d'harmonia,
Pairando sobre a onda luminosa,
O espirito de Deos, na immensidade,
Revestia d'amor toda a existencia.
As legiões angelicas, em côro,
Contemplam debruçadas das alturas,
Ao concento das cytharas—a vida
E o jubilo ineffavel. Hymno eterno
Da creação esplendida ao concerto
Das musicas celestes vai unir-se.

Digitized by Google

O rasgar da manhã doce e tranquilla
Era o sonho da vida que se sólta;
Pela vaga amplidão que a luz povôa,
Astros em turbilhões no azul profundo
Da abobada do empyreo se concentram,
Como os eccos d'uma harpa que se perdem.
Não havia o mysterio. A vista absôrta
Ia lêr a recondita palavra
No livro do existir! O espaço aberto
Mostrava-se, não tinha inda horisontes.

A natureza ri; voam cantando
Aves canoras a tecer seus ninhos,
Fresco orvalho do céo em mel se torna
No pudibundo cálice das flores,
A brisa espalha o effluvio rescendente.
Eva! bella na candida nudeza,
Vergontea irmã da flôr mais delicada,
Desperta entre a alegria! Confundida,
Lança indeciso olhar, baixa-o á terra,
E quando tudo exulta—ella é só triste.

Digitized by Google

Peccára! assim da limpida nascente
Brando murmurio a suspirar lhe ensina;
Peccára; assim da rosa que abre os seios
Na rórida alvorada, a face imita
Seu timido rubor! A gotta d'agua,
Sobre a folha do lotus baloiçando,
Se em terra cáe ao perpassar da aragem,
Vem-lhe ensinar como o dorido pranto
Dos olhos se desprende. Eva, na mágoa,
Desata muda lagrima, tão pura!

Era a primicia do ulular futuro
Interrompendo a festa do universo.
Semente de amarguras e de espinhos,
Não quiz abrir-lhe o seio a dura terra,
Nem recebel-a a onda transparente,
Por vir turbar-lhe a face crystallina.
Vinha nascendo o sol! Por toda a parte
Se espalha do alto o olhar da Providencia,
Quando um raio de luz do Ancião dos Dias
Eleva ao throno excelso—a muda lagrima.

Digitized by Google

II

Os coros suspensos nas alturas

Se o anjo mais puro e lindo
Que esmalta o solio de Deus,
Fica demonio—cahindo
Lá dos céos:

Mulher! perdida nas trevas,
Chorando tua quéda assim,
Abre-se o empyreo e te elevas
Seraphim!

Digitized by Google

III

Dialogo da Lagrima

JEHOVAH:

És tu gotta d'orvalho ethérea, crystallina,
Que ao romper da manhã soltou a alegre aurora?
Quem te manda aos umbraes d'esta mansão divina?

A LAGRIMA:

Senhor! alma que chora.

Eu sou como o aljofre,
Vim d'um profundo mar!
A angustia de quem soffre
Ao céo me fez voar.

Digitized by Google

Eu sou a gotta d'agua
Do cálice da flôr;
Cahi; para tal mágoa
Venho pedir amor!

Eu sou a nivea opala
Que o sol já derreteu;
Venho servir de fala
Á dôr que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante,
Perdida na amplidão!
Subí, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha d'Eva
Gerada em outro amor!
Cahindo a dôr me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

Digitized by Google

JEHOVAH:

Não quiz abrir-te o duro seio á terra,
A ti, lagrima ingénua, dolorida,
Como a semente que mau fructo encerra!

Não quiz a agua do mar ter-te escondida,
Sem saber se uma lagrima revela
O mysterio recondito da vida.

Bem vinda pois, da dôr primicia bella!
Engastada no azul do firmamento,
Vêde-a brilhando—Matutina Estrella!

*

Era a lagrima aérea, diamantina;
O resplendor celeste se mirava
Na sua candidez. Trémula e viva
Excedia em ternura os sons dispersos
Das mellifluas harpas. A agonia
Descobrira a expressão ideal, sublime!

Digitized by Google

IV

VOZES D'ANJOS:

Eil-a a brilhar sosinha
A lagrima singela,
Suspensa do empyreo,
Alva, radiante estrella!

Se a luz se mostra e afasta a densa treva,
Ella apparece annunciando o dia!
Ella o canto da terra aos céos eleva,
Ella as bençãos do céo á terra envia.

Ao erguer-se a Mulher forte, e altiva
Esmagando a serpente, n'esse instante
Ha de meiga luzir com luz mais viva
Na auréola que lhe cinge almo semblante.

Digitized by Google

Hosana, hosana, hosana!
Victoria nas alturas!
Eil-a annunciando o Verbo
Ás gerações futuras!

Digitized by Google

Digitized by Google

AVE STELLA!

(Poema apocalyptico)

Velho e triste em seu aspero desterro,
De Pathmos sobre um monte alcantilado,
Ia sentar-se no escabroso cêrro
João, d'entre os Discipulos o amado,
Sosinho a contemplar!
O espirito pairava em Deos absorto,
Se o visse alguem ali, julgara-o morto,
Posto ás aves do ar!

Digitized by Google

O vento emmaranhava as cans do velho
Deitado no granitico fraguedo,
A cabeça encostada no Evangelho,
Ouvindo attento o mystico segredo
Aos rugidos do mar!
D'entre os nimbos do esplendido horisonte
Bronzea-lhe o sol a vasta fronte
Rugosa de pensar!

I

O somno do Vidente

Em que pensava a mente desvairada
No pezadello do profundo somno?
Como d'um templo a lampada sagrada,
Erma, quasi a extinguir-se, em abandono,
Sua alma, lá na célica morada,
Suspensa ante o esplendor do excelso throno,
Rasga o ultimo sêllo, o mais tremendo,
E arrebatado em espirito ia lendo.

Digitized by Google

A seu lado uma voz ingente e dura,
Como o estrondo da onda contra a rocha,
Ou do raio que Deus manda da altura,
Quando elle rasga e sáe da nuvem roxa;
Uma voz lhe falou: "Oh creatura,
"Que á luz do sol da tarde tibia e frôxa,
"Dormes tranquillo no rochedo alpestre,
"Como no seio do Divino Mestre!

"Levanta-te e contempla!" N'esse instante
Era o mar como a candente lava,
Que borbulhando rubra, coruscante,
O lethargo da morte intercortava!
Tingia o sangue o céo azul, brilhante,
Em crepusculo o dia se tornava,
E as cavernas repetiam dentro
As convulsões da terra no seu centro.

Digitized by Google

"O que vês? —Vejo o mar immenso, irado
Sem o insulto dos áquilos, altivo,
Levantar com vehemencia a Deus seu brado:
"Senhor! ha tantos seculos cativo!
"Na dôr sempre a cantar desesperado,
"E sem ter para ella um lenitivo!
"Sempre a fitar o céo, e não consentes
"Que me alevante e sorva os continentes?"

Torna o anjo: "O que vês Propheta? diz-m'o!"
—Vejo a terra que triste se destaca
Do seu mundo, e no extremo paroxismo,
Immersa em trevas, solitaria, opaca,
Elevar-se até Deus por sobre o abysmo:
"A fria escuridão me envolve e ataca,
"Innundai-me de luz suave e bella,
"Quero um dia tornar a ser estrella!"

Digitized by Google

Após morto silencio do cansaço,
Doloroso clangor d'énea trombeta
Retumba pelos páramos do espaço!
Trasbordou a amplidão, como repleta
D'eccos soturnos! Tal retrôa o passo
D'um esquadrão a quem a raiva inquieta,
Ou da mó, quando róla ao mar profundo,
Ou da procella, quando varre o mundo.

Disse o anjo: "O que vês, Propheta?"—Vejo
Sangue, manchando a alvura do Cordeiro!
E as gerações famintas no festejo
A devoral-o, anciosas, todo inteiro!
Elle deu-se a comer, foi seu desejo,
Elle se inclina manso, no madeiro,
Pendido o rosto pallido e exangue,
Deu-lhes para beberem agua e sangue!

Digitized by Google

Restrugem pelo ar altos ruidos
Como torrente d'aguas caudalosas,
Como o arrastar de ferros doloridos
Ao longo de veredas tortuosas;
Ou da raça que emigra os alaridos,
Buscando outras paragens venturosas.
Taes cousas dentro d'alma póde vêl-as,
Como n'um mar myriadas de estrellas!

"Discipulo o que vês?"—Extranhas raças
Com idolos e reis irem em bando!
Com gargalhadas lugubres, devassas,
Descuidadas da vida, impias, cantando!
De veneno a libar erguidas taças,
Entre improperio estupido, execrando,
E, ao cabo da passagem no dezerto,
Para engolil-os eil-o o abysmo aberto.

Digitized by Google

—Tambem vejo, Senhor, a cruz da vida
Do insondavel abysmo sobre as bordas,
D'um lado ao outro, immovel, estendida!
Passam sobre ella innumeraveis hordas;
Para a viagem da terra prometida,
Voz do dezerto, as gerações acordas:
Essa vereda larga tu lhes déste
Que os conduza á Jerusalem celeste.

—Mas na arvore da vida eil-a a Serpente
Enroscada outra vez na soledade!
Para o servo, Senhor, tendes latente
No symbolo uma incognita verdade?
"João, d'entre os Discipulos o crente,
"Hoje, Ella representa a eternidade,
"E a cruz é d'Aarão a santa vara,
"O mordido da Serpe ao vêl-a—sára!"

Digitized by Google

II

A aguia de Pathmos

Era o sol mais intenso! inda o Propheta,
Sem ter d'uma palmeira a grata sombra,
Dormia ao sol, deitado nos fraguedos
Da ilha árida e triste. Pelos ares
Aguia altiva librando-se orgulhosa,
Sólta um grito dorído. O ancião acorda
E ao vêl-a desafiando a tempestade,
Taciturno ergue a fronte:
—Se eu podesse
Voar, como tu vôas, para longe,
Deixar o meu desterro solitario?
Baixa em nome de Deus! sobre esta penha
Oh vem poisar-te e conversar commigo!

—O que has visto no céo? extranha luta

Digitized by Google

Encheu d'assombro os terminos do mundo!
O mar ficou, como um metal candente.
De fogo e sangue luminoso traço
De subito transpoz vasto horisonte,
Como uma peste n'um soberbo imperio!
Em vão do calvo cêrro da montanha
Lancei a vista ao longe! Aguia altaneira,
Oh conta-me o que has visto das alturas.

A AGUIA:

(pairando-lhe sobre a cabeça)

Suspensa na aza do tufão violento,
Vi Sátan levantar-se do dezerto,
Como da angustia se ergue o atroz lamento,
Ou como o tigre rábido, sedento,
Quando surge d'um antro fundo, aberto.

Digitized by Google

Tinha de Seraphim a graça pura,
Azas brilhantes, com que o ar fendia!
Tinha a expressão maviosa da candura,
A luz suave que no olhar fulgura,
Tinha tudo—faltava-lhe a alegria!

E na altivez sublime da energia
Seu grito acorda as legiões com pasmo!
"Quero perder a liberdade um dia!"
Ecco longo e soturno repetia
A vibração raivosa do sarcasmo!

Ao brado horrivel seu, dos quatro ventos,
Erguendo espadas flammejantes, sévas,
Promptos para servil-o em seus intentos,
Em confuso tropel surgem violentos
Aos milhões os espiritos das trevas!

Digitized by Google

Como no vendaval rijos volteam
Os pampeiros no mar em duro embate,
Apparece Miguel! ambos se enleiam,
As cohortes angelicas gladeam.
Como é tremenda a hora do resgate!

Mas no tumulto do final destroço,
Vergado ao pezo do ferrenho algema,
Do horrendo abysmo no profundo poço
Cáe, como de Nabuco o aureo colosso,
Sátan, vendo quebrar-se-lhe o diadema!

O VIDENTE

(interrompendo-a)

E' livre a humanidade! Harpas sonoras,
Acompanhai o perennal Trissagio!
Que fogo é este que na mente sinto?

Digitized by Google

Que resplendor diaphano se espalha,
E doira o mar no extremo do horisonte?
Muda-se a noite em dia! Aguia indomavel,
Aos ares te remonta, vê, contempla.

(A aguia vôa até perder-se no espaço.)

III

A mulher forte

No fim da tarde o sol nas orlas do occidente,
Franjava as nuvens d'oiro, e o magestoso ambiente
Que em seu azul reflecte a côr da immensidade,
Deixava n'alma triste indizivel saudade!
Ai, quando aspira ao céo a mente que se eleva,
Se lá de cima cáe, perdendo-se na treva;
Tambem quando o proscripto olhar ultimo lança,
Se elle deixa seu lar, esposa e esperança:
Findava o dia assim! crepusculo, mysterio,

Digitized by Google

Harmonia dispersa em côro immenso, aério!
Cerrou-se o véo do templo! um manto plumbeo veste
A cúpula ideal da abobada celeste.

Lentamente do mar a lua se alevanta,
Viu então o Apostolo um sinal que espanta!
Uma Mulher no céo, coroada de estrellas,
Veste-a o brilho do sol! Cantai harpas singelas.

O VIDENTE

(lançando-se por terra ao contemplal-a)

"Quem é esta que se ergue
Em luz d'amor involta?
Altiva como um cedro
Que ao Libano dá sombra?
Nos dezertos a fonte
Não é clara e suave,
Como o riso mavioso
Dos purpurinos labios.

Digitized by Google

Ave! lirio dos vales
Do jubiloso empyreo,
Oh pomba da Arca solta,
Throno d'amor, Maria!
Santelmo de bonança,
Ramo da paz divina,
E' teu cerúleo manto
Véla que leva ao porto.
Estrellas a corôam,
Tem sob os pés a lua,
Onde calca a serpente
O pé da Mulher forte!"

E o Apostolo viu n'essa vertigem
Que uma Estrella do céo se desprendia,
Vindo luzir na auréola da Virgem!

"Ave! lagrima d'Eva! feliz dia
"O da culpa!—uma voz lhe disse a medo—
"Eil-a a brilhar no rosto de Maria!

Digitized by Google

E n'esse instante, com mysterio, um dedo
Sobre labios angelicos impoz
Silencio! Então ficou transido, quêdo.

Depois soou mais doce aquella voz,
Como d'harpa remota uma harmonia,
Como um atito d'ave, á tarde, a sós.

Auréola divina lhe fulgia
No semblante que infunde um terror santo,
E disse-lhe: "Sou o Anjo que te guia!"

O resplendor beatifico era tanto
Que nem podia olhal-o; elle sorrio
Velando o rosto sob o tenue manto.

"Segue-me!" o Anjo disse. Elle o seguio,
Andando por veredas infinitas,
Lá no extremo parou. João ouvio:

Digitized by Google

"Por que na dôr mortal te precipitas?
"Por que foges da vida e a insultas?
"Por que apagas a luz que tanto fitas?

"Por que é, que no festim do mundo, a occultas
"Foste tocar só do veneno a taça,
"E a tua consciencia não consultas?"

Disse elle:—Foragido o justo passa
Por entre a sociedade agonisante!
O rir confunde os gritos da desgraça!

D'hypocritas o riso impio, insultante
É como d'um cadaver o sudario,
Que esconde ulcera feia, repugnante!

As gentes fui falar-lhe do Calvario
Palavras d'esse Verbo universal,
Em cada irmão achei feroz sicario.

Digitized by Google

Vi cercar-me de toda a parte o mal,
Vi odios, raivas, ambições infrenes
Corroendo o cadaver social.

Verguei á dôr, meu Deus, e nos solemnes
Instantes do magoado desalento
Rodearam-me duvidas perennes.

Solitario no exilio, o pensamento
Pela amplidão do espaço andando immerso,
Como o ecco dorido de um lamento.

E quiz, que fosse o tumulo o meu berço!—
Interrompe-o o Anjo pensativo:
"Não te fala d'amor todo o universo?

"Talvez me negues com teu gesto altivo!
"Uma edade virá... começa agora,
"Em que beije seu vinculo o cativo.

Digitized by Google

"Raiará pelo mundo eterna aurora,
"Um novo Eden hade ser a terra,
"Como os Anjos os homens são n'essa hora.

"Da ventura o segredo todo o encerra
"Uma unica ideia bella, immensa,
"Sonho alegre d'amor, que o mal desterra.

"Proclama esta verdade sem detensa:
"Olha todo o provir: Mulher e Cruz!
"Solitario no mundo, adora e pensa!"

Contemplando o mysterio que seduz,
Viu seu rosto banhar-se em alegria,
Viu a alegria confundir-se em luz!

E meditando no futuro dia,
Em que um templo será todo este mundo,
Sentiu que seu espirito ascendia,
Prezo o corpo do somno mais profundo.

Digitized by Google

Velho e triste em seu aspero desterro,
De Pathmos sobre um monte alcantilado,
Sentado no escabroso ingreme cêrro,
João d'entre os Discipulos o amado,
Sosinho a contemplar;
O espirito voára em Deus absorto,
Quando a Aguia desceu, achou-o morto
Junto ás ribas do mar!

Digitized by Google

Digitized by Google

ROSA MYSTICA

SAVONAROLA — SPASIMO.

Digitized by Google

Digitized by Google

SAVONAROLA

OU

O EXTASIS DO PROPHETA

Prologo

I

QUEM sabe o que era um monge? foragido,
Ermo e triste na paz da estreita cella,
No pedestal da cruz tendo pendido
O rosto macilento de quem véla!
Quantas vezes na dor do seu gemido
Se abriu o céo, e a musica singela
Do côro angelical poz doce calma,
Vindo repercutir dentro em sua alma!

Digitized by Google

II

Ao longe vendo a eterna patria, ancioso,
Como Moysés a terra promettida!
Sulamite com mais fervor, do esposo
Não espera da volta a hora querida,
Como elle espera o instante venturoso
Do regresso do exilio e da partida.
Do austero monge foi a terra leito,
E sepulchro da angustia o debil peito.

III

Vira n'alma florir meiga saudade
Do amor primeiro, alegre edade d'ouro;
Lembrando aquelle amor da mocidade,
Viu cinzas no logar do seu thesouro.
Buscou a paz do claustro, a soledade,
E o claustro ouviu do filho o intimo chôro!
Viu na gloria do mundo uma mentira;
O seu pincel d'artista ao olvido atira.

Digitized by Google

IV

Como a um naufrago dá descanço o porto,
Ao filho atribulado em tanta ruina
O recinto do clausto almo conforto
Lhe deu na sua paz santa e divina.
Involto no burel, o monge absorto
Que tintas sobre a téla hoje combina!
Que véo fantastico o pincel desdobra!
Contempla melancholico a sua obra.

V

Do Apostolo era o vulto! Assim o vio
N'um extasis, suspenso, irradiante,
Na penumbra do carcere sombrio,
Tendo a aureola em volta do semblante.
Tudo exprime o pincel do artista pio
N'aquelle olhar tão morbido, anhelante!
Que mysterios na téla não exprime!
Ah como d'este quadro a vista o opprime!

Digitized by Google

VI

E retocando as sombras, pára, escuta
Os sinos do mosteiro em dobre triste:
"Feliz irmão, que vencedor na luta
"Á celeste morada hoje subiste!
"Meu Deos, se é a sentença impia e corruta
"Com que Roma fulmina o velho Antiste!..."
Cae-lhe o pincel. Corre a abraçar o amigo,
Que desce em breve á paz do frio jazigo.

Via dolorosa

VII

Apostolo é a pomba que annuncia
A paz, trazendo o ramo de oliveira!
Apostolo é o grito de alegria,
Apostolo é a sombra da palmeira!
Apostolo é o sol que traz o dia,
E o dia a liberdade á tribu inteira;
Apostolo é o obreiro do futuro,
Martyr calado no flagicio escuro.

Digitized by Google

VIII

E o Apostolo ergueu-se! Viu n'essa hora
Que o povo ia a seguil-o em seu delirio,
Como Israel tambem seguira outr'ora,
Á noite, no deserto o ignoto cirio.
Viu fulgir no futuro a eterna aurora,
Faltava-lhe a coroa do martyrio. . .
E Roma estremeceu! do Christo a esposa
Dá-lhe a palma, abre a via-dolorosa!

IX

Sobre a fronte, na tétrica masmorra,
Resplandecia a aureola do justo!
Enlevado em beatifica modorra,
Antevendo o supplicio, mas sem susto,
Prostrado junto á cruz, á turba: "Morra!"
No confuso tumulto ouvia a custo;
E a visão começava no momento
Em que a Deos remontava o pensamento.

Digitized by Google

X

"Oh Christo! solitario te contemplo,
"Meditando em tua íntima agonia,
"Vendo a guerra de irmãos, unico exemplo,
"E o quadro torpe da nefanda orgia!
"Quando ao universo abrias um só templo,
"Uma só lei d'amor, que tudo unia,
"Ouviste o insulto, ouviste o escarneo acerbo
"D'aquelles a quem davas o teu Verbo!

XI

"E viste que o pudor era um insulto,
"Em vez da prece achaste o rir obsceno;
"Em vez da crença o embuste, meio occulto
"De propinar á turba mais veneno!
"Viste nas aras levantado um vulto,
"Deos do crime, e cahindo ao teu aceno,
"Ergueste os olhos do sudario impuro
"Para além do horisonte do futuro.

Digitized by Google

XII

"Ao vêr que o brilho futil dos diademas
"Offuscava aos humildes o direito,
"Vendo o povo beijar os seus algemas,
"Sentiste, oh Christo, confranger-se o peito!
"Mas que jubilo ao vêr n'horas extremas
"Que o sacrificio do homem era acceito!
"Viste erguer-se uma raça dura e forte,
"Beijar tua cruz—os barbaros do Norte!

XIII

"Sentindo, oppresso, em ti força bastante
"Para ir dizer na face dos tyrannos:
"—Todos somos irmãos!— gritaste: Ávante!
"Rasgando o véo do embuste e dos enganos,
"Sacudindo o ergastulo aviltante;
"E da purpura rôta dos sob'ranos
"Foste escorrer as lagrimas do povo,
"Que esperava debalde o dia novo!

Digitized by Google

XIV

"Deixaste divagar teu pensamento,
"Insondavel, immenso! o atroz sarcasmo
"Fortalecia mais o teu intento,
"Redobrava-te o esforço, o enthusiasmo.
"Oh! por certo aterrou-te o soffrimento;
"Sentiste, oh Christo, um doloroso espasmo,
"Prevendo quinze seculos correrem
"Sem a estranha palavra comprenderem.

XV

"Por isso foi teu calix mais amargo,
"E mais turbidas foram suas fezes!
"Por isso sobre a cruz, no frio lethargo,
"Anteviste do Apostolo os revezes!
"Assim ao pé da cruz meu peito alargo,
"E sinto forças quando penso ás vezes,
"Co'a palavra e teu Verbo como norma,
"Supplantar a mentira!... Eil-a a Reforma.

Digitized by Google

XVI

"Tu és, oh Cruz, a pagina dispersa
"Do livro da harmonia dado ao povo;
"Tu és das gerações a voz diversa,
"Que eleva do trabalho um canto novo!
"És batel que soccorre a náo submersa,
"És da arvore da vida outro renôvo,
"Representas o abraço da alliança,
"Estrella do Oriente, amor, esp'rança!

XVII

"Oh Cruz, és como a fonte do deserto,
"Ai solicita Agar, materno seio!
"A cythara maviosa do concerto
"Do amor fraterno, que do céo nos veio.
"Escada de Jacob, eden aberto..."
E dizendo, parou, sem força, em meio,
No pedestal da cruz poisando a fronte,
Abrindo aos olhos d'alma outro horisonte.

Digitized by Google

XVIII

Noite escura! a borrasca sólta um grito,
Trovões rimbombam n'um concerto horrendo;
Responde o mar ás vozes do infinito!
E a mente do homem, no mysterio lendo,
Com ella ergue um colloquio no conflicto,
O mysterio d'esta hora interrompendo.
Foi augusta a palavra! O vento briga
Nos coruchéus da cathedral antiga!

XIX

O relampago fulge e vence a treva!
Miguel com Satanaz em luctas anda;
Vago o silencio escuta: "Ha quem se atreva?"
Diz Lucifer; mas Deos o archanjo manda
Que co'a espada de fogo no ar escreva:
"Paz na terra!" Diffunde-se luz branda;
Na terra paz e gloria nas alturas,
Filho, esperão-te as gerações futuras.

Digitized by Google

XX

Filho desce! Contrista-te a agonia?
E o filho abraça a cruz e se faz homem;
E quando a humanidade parecia
Os restos do naufragio se somem,
Os sete sellos máos da tyrannia
Rompe, e quebra os grilhões que a consomem,
Gritando-lhe:—Ashaverus, d'ora avante
Seja o marco futuro: adiante, adiante!

XXI

O Apostolo ergueu-se, olhou em roda,
Havia um santo horror; mas firme o guarda,
Na masmorra velando a noite toda,
Ao vêr erguer-se o monge se acovarda!
Ecco longiquo de nocturna bôda
Lá fóra o vento imita; e a alabarda,
Que estivera encostada na parede,
Cahiu, mal disse o martyr—"Tenho sêde!

Digitized by Google

XXII

"Ermo na dôr, medito e desespero,
"A duvida me cerca, punge e afflige!
"Alma, que geme no martyrio fero,
"Ao porvir nebuloso o olhar dirige!
"Sôrvo o calix, meu Deos, eu creio e espero,
"Dá-me forças do trance na vertige!"
E o guarda traz ao monge o copo d'agua;
Ao vêl-a immunda qual não foi sua magua!

XXIII

"Busquei trato d'amigos; procurando
"Das turbas distracção entre o tumulto,
"Odios, crimes, má fé vou encontrando!
"É maior minha magua se a occulto,
"Não a percebe o vulgo! Oh não sei quando
"Não verei em cada homem triste insulto..."
E erguendo a fronte de sombrio aspecto,
Sorriu-se ao vêr entrar Fra-Benedetto.

Digitized by Google

XXIV

"—Amigo! hoje n'este antro te procuro,
"Quando esqueces do peito intimas chagas,
"E cuidas nas do povo, e seu futuro!
"Como contra o baixel se vão as vagas,
"O povo é assim; é onda em pégo escuro,
"Prodigo filho que a teu seio affagas!
"E que importa! a animar-te não resisto,
"Vê na Biblia o exemplo, adora o Christo."

XXV

"—Fugindo aos homens a alma se me enlucta,
"Como a esp'rança, a meu lado, tudo é morto;
"Um livro simples unico me escuta!
"Argumento com elle, e n'elle absorto,
"Com elle a dôr o espirito commuta;
"É o livro de Job o meu confôrto...
"Pois que ninguem responde aos meus acenos,
"Fra-Benedetto, um gole d'agoa ao menos!

Digitized by Google

XXVI

"Baixel que incerto voga entre um cachôpo
"E o horror da noite negra, eis minha vida!
"É bella! vê da serra sobre o tôpo
"Brilhar a lua agora distrahida!
"A vida é boa, sim! d'esta agoa um copo
"No peito extingue a lavareda erguida!"
Disse e toma das mãos do amigo a taça,
Bebe, bebe, ao Senhor depois deo graça.

XXVII

"São palavras d'um misero que geme
"Sob o pezo d'angustia inconfortavel,
"É celeuma d'um nauta, que sem leme
"Navega em rumo incerto e variavel!
"Tu que não escarneces, chora e crê-me
"No enigma de angustia indecifravel,
"Depois verás se ha mal que o meu eguale
"N'este de prantos acanhado vale."

Digitized by Google

XXVIII

Surdos, lugubres sons do psalmo rude
Roucas boccas hypocritas resaram!
Como entôam em volta do athaude,
Pela amplidão da aboboda soaram;
Ao justo nada faz que a côr se mude
Na face, que as vigilias maceraram!
Range a porta do carcere no quicio,
E o cordeiro caminha ao sacrificio.

XXIX

Era ao nascer do sol! Desponta o dia
Esplendido; e que aroma o bosque exhala!
Só na morte do justo o céo vestia
O azul tão puro, com que ostenta a gala.
Quando o monge do carcere sahia,
Lançou um olhar ao fundo da senzalla;
Sentiu n'alma bem fundas saudades
Ao vêr entrar o sol por entre as grades.

Digitized by Google

XXX

"Ai, como o pobre Lazaro sedento,
"Que vendo deslizar na dôr seus dias,
"Sentado junto ás portas do opulento,
"Escuta as gargalhadas das orgias;
"Olhos ao céo, a Deos o pensamento
"Elevo; affasta o calix que me envias,
"Para o transe, Senhor, é prompta esta alma,
"Fazei reverdecer a sua palma!"

XXXI

Além se estende a praça! Tumultua
A plebe para vêr este martyrio!
Desce o Apostolo, e o vulgo pela rua
Insulta o que adorou no seu delirio!
No poste a lavareda já fluctua,
Põe o martyr os olhos no empyreo,
Dizendo: "Perdoae sua loucura,
No fogo, assim, o espirito se apura!"

Digitized by Google

XXXII

Do povo, uns tem do horror o mudo aspecto,
Outros riem com risos sanguinarios!
Abre um nonno o sacrilego decreto,
Ordena o infame bando dos sicarios
Que o leia o monge pio Fra-Benedetto,
Ao som dos longos dobres funerarios!
Leu pavido a sentença, pára em meio,
Pende-lhe a fronte exhausta sobre o seio!

XXXIII

Como quem lança á chamma uma figueira
Por esteril, o bando enfurecido
Arroja Fra-Girólamo á fogueira!
Não se sentiu um unico gemido.
Confrange-se de pasmo a turba inteira,
O estálido dos ossos é ouvido!
Disse o monge: "Oh que fazes tu, Florença!"
Cahiu, cobriu-se o céo de nevoa densa.

Digitized by Google

XXXIV

A columna do templo era quebrada,
Vestiu-se o céo de luto, ao vêr aquillo!
Nos córos da beatifica morada
Ha-de pura alva clamyde vestil-o!
Da vertigem violenta e prolongada
Fra-Benedetto acorda, já tranquillo,
E nos labios dizia-lhe um sorriso:
"Comtigo hoje serei no paraiso."

Epilogo

XXXV

Abysmado na dôr e carrancudo,
Por se lhe afigurar o golpe fero,
Vendo a imagem do amigo, oppresso e mudo
Entra na humilde cella o monge austero.
A cruz, a biblia ao pé, silencio, tudo,
Tudo provoca o pranto mais sincero;
E ao vêr do amigo a fronte, pretendia
Dar-lhe a expressão divina da agonia.

Digitized by Google

XXXVI

Sorriu: que riso aquelle! Dor tamanha
Por lagrimas sem fim não se revela!
Doido, atira o pincel com que desenha
Ao rio que corre á falda da janella!
A vista desvairada força estranha
A fascina e não deixa erguer da téla!
Que vertigem! detem-no braço occulto,
Destaca-se no quadro mais o vulto.

XXXVII

O artista grego ao vêr a estatua fria
Tomar rubor lascivo, n'esse instante
Sentindo o alvo marfim em que esculpia
De tepido tornar-se palpitante,
Pavoroso terror não sentiria
Como o attonito monge ao vêr brilhante
Aureola de luz cercar-lhe a fronte,
Como o disco da lua no horisonte.

Digitized by Google

XXXVIII

Nas veias pára o sangue como o gêlo!
E sempre o mesmo olhar! A dor se augmenta;
As palpebras cerrou para não vêl-o,
D'entre as sombras visiveis se lhe ostenta.
Nas ancias infernaes d'um pezadello
Succumbe e já da vista a luz se ausenta,
Um gélido suor na fronte escorre,
E o taciturno monge cae, e morre

XXXIX

Quem sabe o que era um monge! Foragido,
Só e triste na paz da estreita cella,
Da sua cruz á sombra, arrependido,
Vendo o mundo nos eccos da procella!
Quantas vezes na dor do seu gemido
Se abriu o céo, e a musica singella
Das cytharas angelicas no côro
Se veio unir ás vozes de seu choro!

Digitized by Google

SPASIMO

Ia do mosteiro antigo na alta torre
O sino, ao vir do sol, plangente envia
Canto d'amor, que nas quebradas morre:

Voz do côro celeste, Ave Maria,
Saudação angelica, ineffavel,
Hymno eterno com que a alma se extasia.

Voz de mãe para a angustia inconsolavel,
Ao longe, ao longe o ecco se mistura
Co'o vento n'um concerto inimitavel.

Digitized by Google

Ao rutilante sol, que já fulgura,
A flor abre o seu calix pudibundo,
As aves palram sonhos de ventura.

Tudo vive e se alegra ! olhar jocundo,
Como o orvalho que a terra suavisa,
Lá do alto se espalha pelo mundo.

Cá fóra passa inquieta a fresca brisa,
A alampada na cella bruxuléa,
Crepita com luz morbida, indecisa.

Fôra augusta a vigilia! o peito ancêa,
Em fervorosa prece a alma se eleva,
Lavareda d'amor n'ella se atêa.

Oh cherubim mavioso, oh filho d'Eva,
Em Deos a alma se exalta, n'esse instante
O amor, o amor sómente aos céos te eleva.

Digitized by Google

E macerado o pallido semblante
Pelo ardor da vigilia, paira incerto
Aquelle olhar tão morbido, anhelante.

A vida assim é o aspero deserto,
Mas no deserto a palma do martyrio
Cresce buscando o azul d'um céo aberto.

No delirio d'amor, doce delirio!
Os olhos magoados do teu pranto
Ergue-os da terra, fita-os no empyreo.

Ouves das harpas o aerio canto?
Mas se baixas á terra o olhar absorto,
Que d'angustias exprime o teu espanto!

As agonias intimas do horto,
Do que vê que lhe foge toda a esp'rança,
Só, no deserto, á mingua de conforto.

Digitized by Google

Ergueu-se triste! do extasi descança,
Contempla a creação ideal, sublime,
Sobre o quadro incompleto os olhos lança.

Que mysterios d'angustia um ai exprime!
De luz innunda o sol a estreita cella;
Deixal-a vir, e o quadro estranho anime.

E a luz transpondo a gothica janella
Descobre a fórma ao vago pensamento,
Mostra a imagem da Virgem sobre a téla.

Vê; contempla a sua obra! o soffrimento
Veio assentar-se n'alma, e d'alma exhala
Sua magoa n'um delirio atroz, violento:

"A minha mão d'artista á tua gala
"Votei, oh Virgem! Deos, e consentiste
"Ao impio iconoclasta vir queimal-a?

Digitized by Google

"Nenhum balsamo á dor eterna assiste;
"Deixar no ardor da inspiração divina
"Abrazar-se minha alma sempre triste.

"Como a lua que dá graça á ruina,
"N'este tedio da vida, eil-a apparece!
"Na sombra em que me perco, me illumina.

"É ella, a Virgem! Mãi, que olhar é esse?
"Olhar, meiga expressão do teu carinho,
"A cuja luz a dôr e o mal se esquece!

"O seio alvo de neve, alvo de arminho,
"Sentada sobre nuvem transparente,
"Cabellos d'oiro ao vento, em desalinho;

"Desce á terra, a meus braços docemente,
"Bella, como a sonhei no alto empyreo,
"Bella como inda a tenho aqui na mente.

Digitized by Google

" É do celeste val candido lirio;
" Vem dar-me a respirar a essencia pura,
" Nardo santo das chagas do martyrio.

" Seu véo fluctua, imagem da candura,
" Tenue como o frouxel macio d'ave,
" Ou como a nuvem branca lá da altura!

" Virgem, da-me o sorriso mais suave!
" Que rescendente aroma ancioso aspiro,
" Melhor que o odor do incenso pela nave?

" Cega-me a alvura do teu seio! deliro;
" Infeliz, nada posso, eil-as queimadas
" Estas mãos. . . " Interrompe-o um suspiro.

D'orgão sagrado as notas compassadas
Eccoam lá por dentro do mosteiro,
E o ecco as faz mais doces, magoadas.

Digitized by Google

Olhos fitos no céo, somno ligeiro
Leva-o comsigo a regiões distantes,
Somno breve e tranquillo do cordeiro.

Côro d'anjos subtis, d'azas brilhantes,
Vem completar-lhe o quadro! Um já retoca
O manto azul e as prégas fluctuantes;

Outro imita o sorriso de sua bocca,
Vago ideal, sorriso de esperança;
Outro a c'roa de estrellas lhe colloca.

O monge acorda! ao quadro a vista lança,
Pasma, contempla, attonito e absorto;
Entre o tropel dos anjos a alma alcança
Das procellas da vida o anceado porto.

FIM.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDEX

Ao Senhor José Gomes Monteiro VI
Generalisação da historia da poesia. VIII
ANTIGUIDADE HOMERICA
A Bacchante 1
HARPA D'ISRAEL
Stella Matutina 125
Ave Stella. 136
ROSA MYSTICA
Savonarola, ou o Extasi do propheta . . 157
Spasimo 177

Digitized by Google

Digitized by Google

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
14	1	profundo comprimido	profundo e comprimido
17	4	re refrigera	se refrigera
21	ult.	ri-re	ri-se
30	3	reflexo	refluxo
42	10	hora mais	hora a mais
54	15	esquiva	estiva
64	11	reflctiam	reflectiam
108	4	Eis arco e frecha	Eis o arco e a frecha.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google